IMPRESSO

Monte Sião

63 Anos 1958 - 2021

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m.
Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958 **Dezembro de 2021 - Nº 594**

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

CRÔNICAS DA MINHA GENTE

OS SINOS

IVAN

Sempre tive atração por sinos. Não só pelo som que emitem, mas também por sua forma receptiva, abertos aos olhares inquisidores, acessíveis ao exame das mãos curiosas. As beiradas recurvadas para cima lembram aquelas meninas antigas, erguendo a orla do vestido para a foto do aniversário, além da simpatia que emanam, própria de todo gordo sorridente. Os sinos, mesmo os pequenos e acanhados, estão sempre a sorrir, até quando choram. Minha atração por eles, acrescento, vai além da visual e auditiva; é sentimental, também, proveniente de situações remotas, mais distantes que lembranças de qualquer saudade velha.

Aos cinco anos de idade – meu Deus, não é possível que eu tenha sido tão criança – passando férias em fazenda de tios de minha mãe, fui atingido por uma dessas febres que colocam em dúvida o futuro do doente. Minha mãe tinha certeza de eu estar enlombrigado, com vontade de comer umas rodelinhas brancas que o padre ofereceu às crianças na missa do domingo e as negou a mim – aquele mão-de-vaca – com a conivência dela, alegando não ter eu idade para saborear umazinha só. Daí o febrão. Na verdade, fora contagiado por uma bactéria, naquele tempo, letal. Eu contraíra o tifo, o mesmo tifo que enlutou tantas famílias em Monte Sião. Ainda não existia o antibiótico salvador e a doença quase sempre levava à morte. Meu tio determinou que não mais se batesse o sino que chamava os colonos para o trabalho e anunciava o descanso, pois o seu repique sugeria festa e alegria e o momento era de contrição, rezas e temor da enfermidade. Quando sarei – para o desgosto dos meus três presumíveis leitores – meu tio colocou-me numa cadeira de vime, toda acolchoada, conduziu-me ao alpendre que vê a colônia lá embaixo, e berrou com entusiasmo de vencedor: "Toquem o sino que o menino sarou". Ao meu lado, minha mãe chorava em silêncio. Foi, então, que conheci a lágrima agradecida, a volta à vida, a alegria readquirida, dádivas do sino que se misturaram ao meu corpo, fazendo de mim um campanário de bem-aventuranças que tento distribuir e, quanto mais as distribuo, mais aumentam, quando se pensa que possam diminuir. Toda vez que retorno à fazenda, passo pelo sino. Continua lá, no alto da estaca, protegido pelo teto de madeira, a cordinha à disposição de quem a puxe, convidando à vida.

Quando estou morrendo de saudades de mim mesmo, desço até o Largo do Jardim e aguardo pela voz dos nossos sinos. O agudo, que anunciava angústias nos enterros, continua com o mesmo timbre, e passou a espalhar a alegria das festas religiosas. Já, o maior, grave, de pouca prosa, severo, há tempos não é o mesmo. Trincado de tanto dobre, de tanto responder aos chamados do badalo, perdeu a vibração, pegou rouquidão, ficou fanho. Virtuoso, o Shirley mandou soldá-lo, na boa intenção de restituir-lhe a sonoridade antiga. Mas o Shirley não sabia e, se sabia, esqueceu-se de que tanto um sino como o coração, quando atingidos pelo pela trinca do amor, nunca mais se recuperam. O sino pode continuar a tanger, mas sem vibração; o coração pode continuar a bater, mas sem o afeto necessário. As rachaduras da amizade são irrecuperáveis. O frenesi com que são feitos sinos e amores não transpõe cicatrizes.

Desde então, cada som emitido pelos sinos gera em mim sentimentos diferentes. Nas campainhas trigêmeas das missas eu vejo, mesmo que abstratos, a reverência ao divino e o convite à contrição. Aliadas à fumaça do turíbulo, parecem me dizer que, naquele instante, mesmo sabendo-me indigno, estou preparado a dialogar com Deus. Aquela fieira de sinetas colocadas nas portas ou dispostas à vontade do vento, dobram paz e ciciam alegrias evadidas do sorriso de crianças. O cincerro velho e sem brilho, atado ao pescoço da vaca madrinha, remove qualquer possibilidade de discórdia entre o rebanho e estimula o vaqueiro a aboiar. Até o amor impossível foi proclamado pelos carrilhões, quando Quasímodo, a cavalo nos sinos da Catedral de Notre Dame, fazia-os vibrar como presente do Corcunda à mocinha refugiada no campanário. Aqueles sinos diziam que mesmo os deserdados pela natureza podem e sabem amar e que a monstruosidade está nos olhos de quem vê, e não nas formas. Tudo isso dizem os sinos; basta prestar-lhes atenção.

Certa vez, o Natalino, antes de ser o padre Natalino Gottardello Zucato, permitiu que eu puxasse as duas cordas dos sinos do agora Santuário. Claro que não tive o mesmo desempenho do Wantuir Zucato e do Dario Monteito, dois pelés sineiros, mas garanto a vocês três que pela primeira vez fui ao céu, como garanto, também, que o céu é muito bom. Podem ir sossegados

Dia desses voltei à fazenda da minha infância: morrera o último membro da família que foi sua proprietária por mais de cem anos. Não passei além do velho sino. Mudo, tristonho, sua corda estava presa a um prego, advertindo para que não fosse incomodado. No seu silêncio enlutado, descobri que ele emudecera não apenas pelo dono morto, pois que a vida há de continuar e o tremor do sino haveria de anunciar outras vidas; mas o badalo inútil e o bronze opaco diziam que a fazenda, mais que morta, perdera a alma. Sem alma, não havia razão de ele, o sino, estar ali a manifestar sua extrema desolação, nem mesmo extirpar a dor que me colocou no peito. Mas tudo é questão de tempo. Logo, logo, o sino da fazenda voltará a cantarolar, trazendo alma nova aos cafezais, apressando a água que desce pela bica, roubando o dia à madrugada, ensinando o gado a mugir pelo mando do cincerro, anunciando que Ele mais uma vez está chegando, que Papai Noel acaba de encetar sua viagem buscando as crianças e oferecendo nova oportunidade ao meu tio para gritar "toquem o sino que o menino sarou"...

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.

Memórias de Paolo Panciolo - 5

Em 30 de setembro, concluí o terceiro ano do ginásio, e poucos dias depois, junto com o Danilo (que havia voltado de Montalcino) entrei no primeiro colegial onde encontrei muitos antigos colegas, como Massimo Lucherini, Ubaldo Chiappa, Beppe Salvi, etc. que tinham perdido o ano de recuperação e ganhei novos, como Antonio Corsi, Giuseppe Cola, Giuliani, Bianchi, Farsetti e outros.

Em 26 de novembro daquele ano, 1945, Giuliana e Edwin se casaram com uma grande festa no Hotel Líbano. Foi o primeiro casamento celebrado no Duomo de Barga após a guerra. Um mês depois, o tio Enrico casou com a Piccarda Colognori e vieram morar no segundo andar da nossa casa. O Natal daquele ano, o primeiro depois da guerra, foi comemorado com muita alegria, mas devido às circunstâncias do momento, de forma bem modesta. Os próprios presentes que trocamos por ocasião da Befana foram apenas simbólicos, bem humorados e engraçados. A paz reconquistada e a reunião de todos os nossos parentes e amigos foi o fator predominante nessas festas. Enfim, conseguimos começar a mandar e receber notícias dos parentes do exterior. Com a correspondência precariamente restabelecida após os longos anos de guerra voltamos a ter contato com o Brasil, Inglaterra e Estados Unidos com ótimas notícias. Giuliana e Ed, casados, foram viver numa reserva florestal próxima da praia em Pisa no aguardo da viagem para os Estados Unidos.

Eu, na escola, estudando com o Danilo, fazia verdadeiros milagres. Ele, como já escrevi, era extremamente organizado, metódico e disciplinado. Estabelecia programas e horários de estudo inflexíveis, que prejudicavam os meus treinamentos esportivos, mas me mantinham entre os primeiros da classe. Felizmente, uma certa simpatia entre Danilo e a Roberta se transformou em amor e o tempo que ele dedicava à Roberta, eu dedicava ao futebol, a minha paixão. Era ainda uma época de extrema carestia, mas diariamente realizava o milagre de encontrar uma bola e um par de sapatos para calçar.

Apesar da euforia da paz reconquistada e da família reunida sem trágicas perdas, a vida ainda era difícil. Todos trabalhavam no limite do possível para reconstruir os bens perdidos. Precisávamos recuperar não só a própria casa, mas também boa parte da mobília e todos os utensílios necessários que haviam sido destruídos ou furtados durante a guerra.

O escasso dinheiro em circulação era dedicado às coisas essenciais, o "necessário" e o supérfluo deviam esperar por tempos melhores. Naturalmente o desejo de reconquistar o bem estar e o conforto habituais era a mola propulsora para o trabalho e a superação. Papai, assim que teve a oportunidade, mandou Piero trabalhar fora de Barga. No pós guerra, existiam ainda muitos ressentimentos entre ex-partisans e ex-fascistas e o papai temia que Piero, sangue quente (pouco diplomático) e que obrigatoriamente havia servido como militar também na República Socialista Italiana (Fascista), reagisse à alguma provocação e se complicasse. Porém, o novo governo italiano, não reconhecendo os 18 meses de serviço militar feitos com o antigo governo, foi alistado novamente pela terceira vez e foi mandado para Siena e Palermo por um ano.

PRIMÓRDIOS DO ESPÉLEO GRUPO MONTE SIÃO - EGMS

Capítulo I – Caverna do Grotão: nasce um grande interesse pelas cavernas

J. CLAUDIO FARACO

Em 11 de Junho de 1971, José Ayrton Labegalini, amigo de infância e escola, procurou-me para um assunto muito interessante. Disse-me ele que Luiz Rieli, (em memória), funcionário do armazém de seu pai, Aleoprando (em memória), sito à Rua Ernesto Gotardelo, contou-lhe sobre uma caverna localizada no Bairro do Grotão, município de Monte Sião, a qual, após a entrada, chegava-se a um salão com seis corredores dispostos na parede de entorno. Após essa revelação, com um olhar, José Ayrton emitiu uma interrogação. Nem precisava, pois imediatamente concordei em explorarmos o local. Até então, desconhecíamos completamente o termo "espeleologia" e todas as suas técnicas.

Sem perda de tempo, juntamente aos amigos Tadeu Labegalini e José Luiz Odinino (o "Tarzan", em memória), partimos a pé, eufóricos, em direção ao Bairro do Grotão para o nosso primeiro reconhecimento da área em busca da caverna.

Ao chegarmos, exaustos pela caminhada, mas esperançosos com a possível redescoberta e ainda rejuvenescidos pelo contato com a Natureza tão próxima e há muito esquecida de todos, repassamos um olhar investigativo pelo costado da serra em semicírculo que se abria diante nós. Uma bela mata primitiva, intacta e exuberante se ofereceu, privilegiada pelas milagrosas águas do céu naquele período chuvoso. Em meio a ela, foi possível visualizar alguns paredões de granito sobressaindo-se através das árvores. Não tínhamos a mínima ideia do local, mas tudo indicava que a misteriosa caverna deveria estar por ali.

Sem devaneios, escalamos com pouca dificuldade o aclive, ajudados pelo apoio das árvores. E então a muralha de pedra se expôs claramente. Na base dela fizemos o contorno pelo lado direito, passo a passo, palmo a palmo, o suor escorrendo pelo rosto, cipós enroscando nosso caminhar, atenção redobrada com as possíveis cobras e abelhas, o desejo da descoberta aflorando a cada metro perscrutado.

Finalmente, encontramos a boca de uma caverna. Havia ali um pequeno desnível na entrada, mas nada que impedisse nosso acesso sem cordas. O corredor da gruta, com 15 metros de extensão, dificultava nossa visão da continuidade, pois o mesmo fazia uma inflexão à direita. E, dessa forma, caminhando cuidadosamente pela galeria a decepção surgiu rápida: após os mínimos 15 metros, a passagem encontrava-se naturalmente bloqueada por toneladas de terra e rochas que deslizaram para dentro da caverna naquele período chuvoso! Simplesmente não podíamos seguir adiante. Um tanto desconsolados pelo inusitado, permanecemos alguns segundos olhando aquela pequena e estreita galeria e resolvemos registrar em foto. José Ayrton e sua Olympus Trip35. A escassa luz natural não permitia algo melhor, mas o registro foi feito.

Após, fizemos nosso lanche com muita calma, trocamos ideias e definimos um retorno ao local. Da próxima vez, porém, estaríamos munidos de pás e enxadas para tentarmos desbloquear a passagem ao interior da gruta. E assim foi nossa primeira aventura de reencontro com a Natureza e o início de uma longa história com as cavernas...

UMA SEXTA-FEIRA CHUVOSA, UM ENCONTRO INESPERADO NA FEIRA LIVRE DA AV. MAESTRO VILLA LOBOS, SÃO PAULO, SP

L. A. GENGHINI

Dia da Bandeira, 19 de novembro de 2021, amanheceu nublado indicando que as chuvas, que já haviam sido fartas nos dias anteriores, iriam continuar, fato que faz bem à natureza pela renovação que desperta e pela recuperação dos níveis dos reservatórios, afastando um pouco a ameaça do desabastecimento e dando trégua aos políticos, que sempre são questionados em situações semelhantes.

Foi enfrentando a iminência da pancada de chuva que se anunciava a partir da névoa na Serra da Cantareira e das nuvens baixas e carregadas (Stratus e/ou Altostratus), que me armei de um chapéu, me equipei do carrinho de feira e segui pela Av. Maestro Villa Lobos, sentido Av. Guapira, a fim de aproveitar a feira-livre para reabastecer a despensa e prosear com os feirantes.

Caminhei pela Maestro, adentrei o trecho da feira -livre, atualmente reduzido a uns 250 metros da avenida uma vez que as feiras-livres estão agonizando diante da concorrência dos supermercados e da mudança de hábitos e costumes do povo.

No início da feira, que também é o início da avenida, a chuva pegou pra valer, então comecei a me aproximar das barracas buscando a proteção das coberturas de lona enquanto iniciava as compras, visto que ao completar os 250 metros da feira deveria ter comprado tudo o que estava na listinha e mais alguns itens que seriam acrescentados por impulso (é por isto que as mulheres não gostam que os homens vão às compras).

Aportei meu carrinho na marquise da barraca de queijos, castanhas e embutidos e, testando a possibilidade de me proteger um pouco mais da chuva, puxei prosa com o feirante, um senhor de aparência gentil e bem humorado. Perguntei sobre os queijos e ele imediatamente se pôs a cortar fetas (do italiano: fatias) de diversos queijos diferentes, enquanto eu já agradecia satisfeito e ele insistia em servir mais.

Prosa boa, queijo gostoso, então comentei – com toda sua generosidade na amostragem não é de se estranhar que alguém venha até aqui só para comer um pouco, ao que ele respondeu ser normal e fazendo alusões espiritualistas, demonstrando religiosidade, entrosamento social e solidariedade, esse Senhor comentou que oferece diariamente cento e vinte (120) refeições, cuja origem dos mantimentos vem de doações de colegas da feira e de recursos próprios. E completou – Só não gosto que deem palpites na cozinha, quando estou cozinhando sou muito egoísta -.

De repente, olha eu, que saí para fazer compras, estou debaixo de chuva, numa conversa casual e me deparo com um anjo delegado de Deus para fazer o bem ao próximo, naquilo que é mais básico e fundamental, a fome/alimentação. Com suas atividades profissional e voluntária, pode acreditar, está cumprindo sua ventura e fazendo a sua parte nessa existência.

Fiquei animado e perguntei-lhe o nome, - eu sou Wilson, Wilson José Cimini.

A chuva não parava, a lona da barraca oferecia certa proteção e conforto, terminei as compras enquanto falávamos dos filhos. Ele tem o Rodrigo (Sheik Rodrigo Jalloul) e Denis Vieira, que também participam das ações humanitárias. Com brilho nos olhos disse que também já foi professor de matemática e de física, profissão que teve de abandonar porque os horários eram incompatíveis com os horários da feira e porque o baixo salário não era suficiente para mantê-lo. Que professor o estado de S. Paulo perdeu, quantas oportunidades os alunos deixaram de ter!

Terminei a compra e andei debaixo de chuva me esgueirando entre as barracas e proteções de lona, na certeza de que havia encontrado um ser humano raro, diferenciado, que em conformidade com suas condições e suas posses materiais e espirituais trabalha todos os dias, com Deus no coração, cumprindo sua missão pessoal para que o mundo fique um pouquinho melhor.

Que exemplo!

Segui sob uma chuva mansa e tranquila, que durou o dia todo, tocado pela alegria desse encontro casual. A benção Wilson José Cimini!

Até qualquer hora pessoal!

Demanda Graal dos Moleques

JOSÉ ALAERCIO ZAMUNER

É a história de uma demanda Graal dos moleques para derrubar uma caixa de arapuá, numa pereira, dia inteiro, bem planejada para as férias. Pacau de Benvinda, Maia e Vardão da Tereza do Dito Sirva, João do Vitorino Gambaro, Demir do Cido Corodino, Gilmar do Joaquim Bertina, Nene do Armando Bressan, eu e meu irmão, o Dito. Tinha mais gente, mas não sei quem. Essa história é tão verdadeira que nem precisaria de ser escrita.

Época de Natal, bem meados de dezembro, férias da escola primária, e alguém dos moleques descobriu um grande arapuá, bem na forquilha de uma pereira, ponto alto, lá no pasto do Nego Barboza, beira barroca, rumo pro Barreiro.

Chegamos no pé da pereira, a abelha lá em cima. Miúdos, cá embaixo, travamos intensa prosaiada para derrubar, certinho, aquela bola preta desejada e chupar aquele mel amargo e azedo da arapuá.

O Pacau começou a escalada com peias, sobe, desce, escorrega, vem pro chão, até que alguém, acho que foi o João do Vitorino, arrumou uma vara com forquilha, para, enfim, derrubar a colmeia... E assim foi feito. Dois não podiam subir. Volta o Pacau da Benvinda na escalada da pereira, entre gritos de vai, assim não, cuidado, eh porqueira de Pacau, vai, chucha, enfia por baixo, não, não, agora, mais embaixo. Nisso, as abelhas já estavam eriçadas, esvoaçavam por toda parte. Num lance de grande força: o Pacau era baixo, troncudo e o mais forte do grupo, acertou um ponto no pé da caixa e a derrubou. Aquela bola preta desce, bate no chão e rola ladeira abaixo, até o fundo da barroca. A Abelha arapuá infestou o ar todo, pega os moleques: a arapuá não pica, mas enrola e gruda no cabelo da gente. Não se via mais cabelo, só várias caixas de arapuá nas cabeças dos meninos. O Pacau já desceu da pereira com o cabelo em pura bola de enxame. E mais abelhas esvoaçavam aquele ar de um dia de férias de dezembro.

Bem, os moleques, porque nessa aventura não tinha espaço pra as meninas, cabelos cobertos de abelhas, mais parecendo outros arapuás, saíram correndo estrada afora, em gritos, povo todo apavorado, alguns jurando ser assombração do pasto do Nego Barboza. O Niquinho rezador parou e assistiu àquele teatro assustado, fez o Em Nome do Pai, tocou o sino da Igrejinha, Dona Nicola Carinta pegou o terço, os Moleques-Arapuás-Esvoaçantes descem Os Francos Cantare disparados, em gritos de socorro, socorro!..., portas e janelas entre-se-fecham com Pelo Sinal, Creio em Deus Pai..., param frente à casa do Dito Irineu, homem de fortes rezas e conhecedor de Cabelos de Arapuá: Ajude nóis, Seu Dito!

Ih-hi-hi... meninos, judiaram com a abelhinhas?

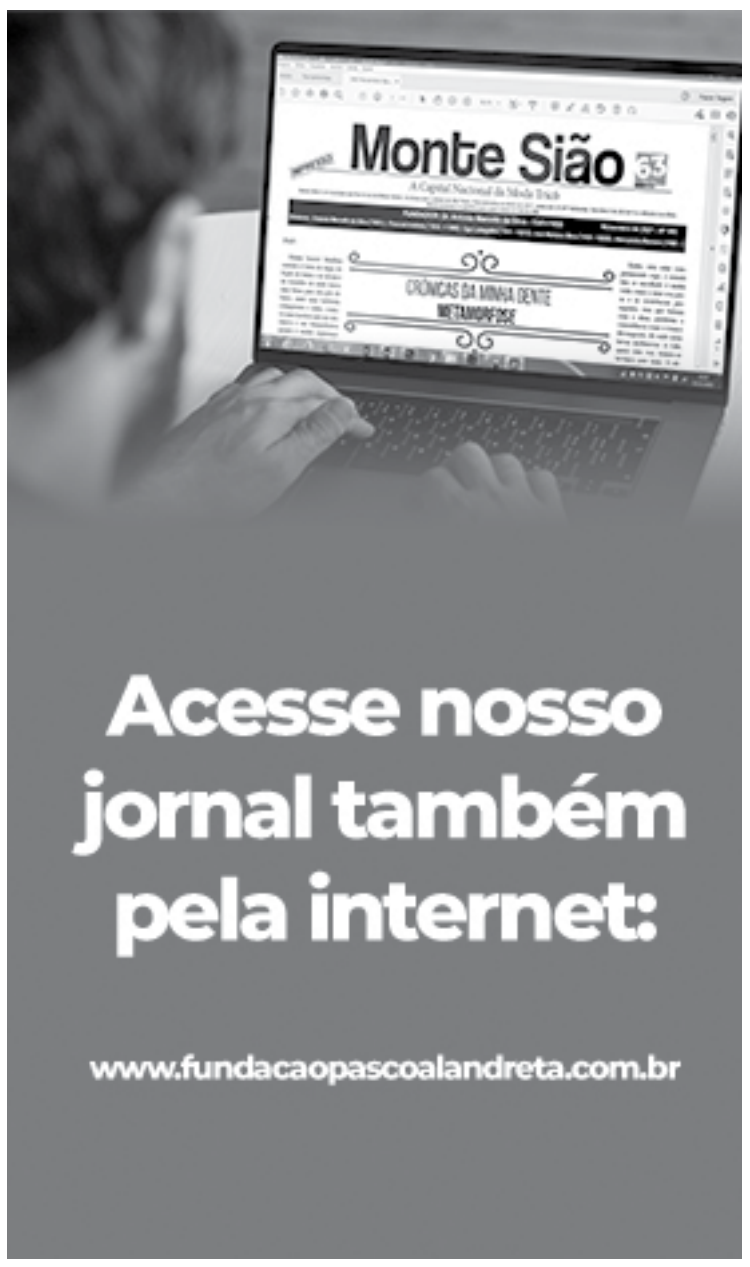
Cabelos esvoaçando enxames de arapuá: zu-zu -zuuuu, zu-zu-zuuuu...

Reze comigo: Sou pecador, peço perdão, meu Senhor, por ter judiado com os bichinhos de Deus. Nunca mais nesta vida vou atrapalhar a vida dos bichinhos, Glória Deus: Glória

Diga todo mundo!

Glória a Deus, Seu Dito!

Num instante, aquelas abelhinhas pretas foram se desprendendo dos cabelos dos moleques, e indo se embora, juntar-se à bola de abelha arapuá, lá da barroca do pasto do Nego Barboza, lugar que, em outras férias, esses mesmos moleques iam campear cápsulas e balas inteiras de fuzil ou de metralhadora: restos e lembranças da época da revolução de 32, que ali foi palco cruel.



EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, Diogo Labegalini de Castro, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG
Fotografia – José Cláudio Faraco
Direção financeira – Charles Cétolo
Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins
Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censode 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

Supermercado e Casa de Carnes Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

105 AUTO PEÇAS
vivo 9 9852 5105
3465 3105 - 3465 5105

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS
Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS
DERBY Têxtil
(19) 3824.2499
(35) 99138.0307
Av. Monte Sião, 925 Bela Vista Águas de Lindoia/SP
Trabalhamos com remalhadeiras "Complet" novas e usadas
- Agulhas e platinas para retilíneas
- Agulhas e ponteiras para remalhadeiras
- Bobinas e seletores
- Óleo lubrificante
- Klimp para limpeza interna

MAZA PNEUS
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

DROGARIAS ULTRA POPULAR
Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro (em frente ao Itaú) (35) 3465-1120 / 3465-5633 Monte Sião/MG
Rua Argentina, 19 - Centro (no Balão) (19) 3924-1196 Águas de Lindoia/SP

MECÂNICA NETOS ar nacionais e importados
nacionais e importados
Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico
Fone: (35) 3465 2772
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)
Monte Sião - MG CEP 37580-000

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG
dynamisemanipulação Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

DELTA FOTO PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!
Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS
35 3465-3124
Av. das Fontes, 136-C -Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!
RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas
Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - 38

ISMAEL RIELLI

Quanta magia e mistério
Neste mundo singular:
Há vivos no cemitério
E mortos a caminhar
(Moacir Figueiredo)

Meu primo Shirley Pereira é filho do Zé do Albino, construtor, e da tia Anita Gotardello.

Tem uma única irmã, Neide, que se casou com Geraldo de São Paulo e pra lá se mudou. Eram zeladores de um prédio de um banco, na Rua Líbero Badaró, em cujo último andar moravam, bem no coração de São Paulo, a menos de 100m do Largo São Bento.

Em Monte Sião naquela época décadas de 50/60 os empregos eram vasqueiros e Shirley resolveu ir trabalhar na capital paulista.

Foi com emprego certo – ascensorista do banco onde o cunhado trabalhava.

Profissão claustrofóbica, como mineiro, como poceiro, o ascensorista trabalha 6h por dia.

O extraordinário escritor mineiro, Aníbal Machado, autor de poucas obras: João Ternura e a Morte da Porta Estandarte, (cuja leitura recomendo, aconselho também a leitura do conto "Viagem aos Seios de Duília" meio triste, mas muito cativante, emocionante, comovente) assim descreve a vida encaixotada de um ascensorista.

Estive fazendo os cálculos: com mais de oito anos de serviço; já passei cerca de vinte mil horas encurralado neste túnel. É duro! Sobretudo no verão, com um ventilador que só funciona quando quer. O passarinho na gaiola tem, pelo menos, a paisagem para contemplar. E nós? O que nos distrai mesmo são os passageiros de alguns segundos. Trazem no rosto os reflexos do mundo lá fora. Por incrível que pareça, esses passageiros aumentam o espaço da cabina. Sobem e descem com a marca de suas paixões, só falta dizer o que fizeram, o que vão fazer. Quando os homens não falam nem gesticulam (há um minuto de silêncio quando usam o elevador), a alma deles parece que aflui mais depressa à flor da pele.

O elevador é o único transporte gratuito igualitário da cidade. Acho isso extraordinário.

Meu primo tinha se abalado pra São Paulo pra fazer seu pé de meia.

Saía do caixote que sobe e desce, comia qualquer coisa por ali, refeições rápidas e baratas e, na mesma rua, na mesma quadra trabalhava de balconista na Casa Bayard, que vendia armas de fogo.

Morava comigo e com meu irmão Zezé numa pensão na Rua Santo Antônio.

Mourejou trabalhando de sol a sol. Moramos juntos por uns anos em ruas próximas ao centro: Santo Antônio Álvaro de Carvalho e Dona Veridiana.

Zé do Albino, que Tia Anita chamava de "meu faixa branca", tinha uma mecha de cabelos brancos – adoeceu e Shirley deixou tudo pra voltar pra sua terra querida e cuidar dos pais.

Tio Zé não resistiu e o filho, por muitos anos, cuidou da mãe com desvelo e carinho.

Trabalhador incansável, começou a venda de alguns materiais de construção numa porta de sua residência na rua direita.

O negócio cresceu e montou sua loja – O Pioneiro – na Rua JK.

Foi crescendo, prosperando, adquirindo lotes e casas naquele tempo em que os terrenos e imóveis não custavam tão caro e amealhou apreciável fortuna.

Dizem as más línguas que empilhados, seus carnês de IPTU atingem quase meio metro de altura.

Prestativo, participante sempre solidário aos parentes que adoeciam, colaborou na reforma da Igreja Matriz.

De repente, de uma hora pra outra, é acometido por violento aneurisma. Há alguns anos, cercado de carinho pela companheira e por eficientes enfermeiras, meu primo ainda não anda, não fala, mas entende o que dizemos.

É triste vê-lo assim. O batalhador Shirley não merecia isso.

Sirley, assim como Darcy, é daqueles nomes que servem tanto para homem como para mulher.

O nosso querido Shirley Pereira é um homem de bom coração, prestativo e caridoso.

O popular Pechinha , quase um anão, chega ao balcão e é atendido pelo próprio proprietário Shirley:

- Quero 2 metros de corda.

Shirley deu-lhe 4m e não cobrou nada.

Desgostoso da vida Pechinha resolveu dar cabo dela.

Subiu num abacateiro com a corda no pescoço amarrada a um galho. A uns 3m do chão.

Pulou e quebrou uma perna.

Viveu ainda alguns anos perambulando pelas ruas de Monte Sião.

(essa acontecência contou-me o Dito Caminhoneiro)

Um homem acaba de inventar o fósforo e mandou alguns para sua mulher, que morava em outra cidade. Um dia depois, ela ligou e disse:

- Os fósforos que você me mandou não funcionaram.

- Mas como? Eu testei todos antes de mandar pra você!

Você sabe o que é Essuatini?

Confesso que até mês passado eu nem desconfiava o que era isso.

Só vim saber com o advento da nova marca da Covid, a Ômicron, que campeia no mundo, a partir da África Austral.

Êta continente pra criar novos países, mudar-lhes o nome assim como de suas capitais, essa África.

Também foram rebatizados: Miamar (Birmania) e Sri Lanka (Ceilão)

Por aqui mudamos o nome de um território hoje estado – Guaporé.

Dois novos estados nasceram, decepados de outros: Mato Grosso do Sul (MS) e Tocantins (TO).

A cidade do Rio já foi estado – cidade – estado – incrustada no estado do Rio com o nome de Guanabara.

Durou pouco. Voltou ao status quo ante com prefeito e não mais governador. Hoje a cidade maravilhosa é a capital do estado e Niterói perdeu esse privilégio.

Ganha uma passagem só de ida para Caracas ou Cabul – livre escolha – quem declinar os nomes de todos os estados africanos e suas respectivas capitais.

A professora pergunta para o Juquinha:

- O que é mais importante: o sol ou a lua?

- É a lua! Ela ilumina tudo quando está escuro. Graças à lua, a gente enxerga um pouco mais à noite.

- Mas e o sol?

- O sol não serve pra nada. Ele só brilha durante o dia, quando já está tudo claro.

A Questão das Luzes

MATHEUS ZUCATO

Existem determinados momentos da vida os quais gostamos de chamar "coincidências", e que, por mais cético que seja o homem, em algum momento haverá de acreditar que tais momentos sejam ligados por fios invisíveis, alguns deles representantes do destino, outros, representantes da fé religiosa e, ainda outros, da consequência de uma ação anterior realizada pelo que sofre tal coincidência.

O que me ocorreu, noutro dia, foi uma coincidência que, de tão significativa e propositiva de reflexão, chamei-a de A Questão das Luzes, para que pudesse mais facilmente buscar e usar referência numa situação futura. Em tal ocasião, tive o prazer quase infantil, mágico, de ver, no crepúsculo de um dia qualquer, as luzes dos postes de uma avenida acenderem, todos de uma vez, e de tal comum acontecimento despertarem profundas considerações. Achei um tanto peculiar como de comum acontecimento surgiu, de forma incomum, o pensamento de que aquelas luzes lembravam o Natal — que não estava distante — e da evolução que este sofrera através dos anos de minha vida até então. Disse evolução? Bem, talvez o termo correto devesse ser "transformação", pois não necessariamente o Natal havia se tornado algo mais evoluído, melhor, mas transformara-se através de épocas cujos acontecimentos foram determinantes para isso. Talvez devesse chamar, ainda, de amadurecimento do Natal, pois que ele havia, também, nascido comigo, ainda sem entender o mundo e o que representava aquela festa, além dos brinquedos que de repente surgiam iluminados pelas luzes amarelas brilhando na sala de casa. Havia ele, o Natal, ainda, crescido um pouquinho mais, até conhecer a figura de Papai Noel e como ele trazia consigo a, talvez, primeira reflexão que uma criança pode ter na vida, que é a de que o bom-velhinho presenteia aqueles que durante o ano todo se comportaram bem, o que desenvolveria a noção de recompensa além da noção, mesmo que ingênua, de ciclos, pois o dia dos presentes significaria o encerramento de um ciclo de comportamento anual. E então se começa de novo a portar-se bem. Depois, o amadurecimento do fim da infância, em que o Natal, como muitas vezes vi, é trocado por encontros e festas com os amigos. Antes disso, entretanto, perde-se a magia infantil do Natal, e este torna-se, para os afortunados de possuírem uma família unida, uma deliciosa reunião anual familiar. E, desconsideremos os maus eventos que poderiam surgir de tal reunião, para que o texto não vá por outro caminho. Aí, os filhos crescem, cresce a família, até que os filhos tenham a própria: um ramo que brota da árvore da geração.

O Natal é tomado de uma alegria manifestada por pessoas. Pessoas que vem e vão, que nascem e o vislumbram pela primeira vez; e outras que se vão, tendo visto as mesmas luzes pela última. É renovado pela nova geração de crianças que ressuscita o Papai Noel, até que este adormeça novamente, esperando pela próxima geração de crianças que o trará novamente à vida; e, enquanto isso, os já crescidos se encarregam de manter a tradição da (re)união que alegrou e alegra até hoje aqueles que veem na família o santuário da existência.

E as luzes do poste, ao se acenderem, acenderam em mim a chama olímpica que flameja cada vez que o cheiro do Natal se aproxima em forma de uma carícia, fazendo-me acreditar novamente que o tal Noel está por aí e que logo há de voltar.

Um sofrimento: abastecer meu carro

LÍCIA MANGIAVACCHI

Como todo jovem que pega ônibus para ir e voltar do trabalho diariamente sofri na pele a cada chuva que tomei enquanto esperava no ponto de ônibus. Meu sonho, naquela época, era ter uma moto.

Economizei e comprei uma pequena, de 125 cilindradas. Era o suficiente para mim, me levava para onde eu queria e o melhor era que eu enchia o tanque com apenas R$ 5,00 e ele durava uma semana. Sim, você não leu errado, não. Era bom demais!!

Dois anos depois, juntei um dinheirinho e me dei um carro de presente. Começava ali o meu sofrimento com os gastos que aumentaram consideravelmente. Me lembro do meu pai dizendo: "Carro é igual filho. Dá muitos gastos!".

Não demorou para eu perceber que ele tinha razão. Para encher o tanque do meu carro era preciso muito mais do que meus míseros menos de R$ 10,00 gastos para abastecer a moto. Na época, se eu pedisse para o frentista do posto de combustíveis completar com etanol, gastava R$ 80,00. Ou seja, cada vez que tinha que abastecer, era um sofrimento.

E o pior era que eu não sofria apenas na hora de abastecer, mas também diariamente. Cada vez que o um ponteiro do marcador do combustível apagava eu ficava angustiada. Durante muito tempo, esse era o meu vício, ficar de olho nele, torcendo para que não apagasse. Infelizmente isso sempre acontecia. Por mais que eu tentasse não olhar para ele, não me preocupar, era inevitável.

Para piorar ainda mais a minha situação, troquei de carro e comprei um que era automático e tinha o motor 2.0. Já sabe o que aconteceu, né? Ele bebia mais do que muita gente que adora uma cervejinha.

Resultado? Nossa relação de "amor" durou pouquíssimo tempo. Acho até que não posso chamar de "amor", mas sim "paixão", já que foi um sentimento passageiro. Por mais que gostasse muito dele, tive que vendê-lo.

Comprei o carro mais econômico que havia na concessionária. Com motor 1.0, manual e garantia do vendedor que não me faria sofrer diariamente com o consumo do combustível.

É claro que não adiantou muito. Mesmo sendo mais econômico, o que queria mesmo era que os ponteiros do marcador de combustível nunca se apagassem.

Não, não estou exagerando. Eu realmente sofro e muito! Por isso, constantemente peço ajuda aos meus amigos para calcular o consumo do meu carro, já que fazer contas não é o meu forte. Depois de colocar os números no papel eles sempre me dizem: "Não está compensando abastecer com etanol. Abasteça com gasolina".

Mas, por medo de enfartar, quando enchesse o tanque com gasolina e a frentista me dissesse quanto teria que pagar, continuei optando pelo etanol durante muito tempo. Até que não deu mais.

Com uma alta após a outra no preço dos combustíveis, resolvi mudar. Criei coragem, fui até o posto que sempre vou e antes que a frentista começasse a abastecer fiz uma pergunta essencial para mim:

Eu: "Moça, quanto você acha que vou ter que pagar?"

Frentista: "Acho que dará uns R$ 270,00".

Pensei... Ah, até que não é tanto, achei que daria mais. Então, com todo o medo do mundo, continuei a conversa.

Eu: "Pode completar!"

E lá foi a frentista! Começou a encher o tanque do meu carro. A cada minuto que passava eu só ficava torcendo para não dar mais do que R$ 300,00. Naquele momento, coloquei minha mão esquerda em frente aos meus olhos tentando me impedir de ver o marcador da bomba.

Eu: "Moça, não vou nem ficar olhando os ponteiros. Não quero nem ver quanto vai dar".

A frentista: "Já está em R$ 220,00".

Meu Deus! Sofri e me perguntei se ainda faltava muito para acabar. O momento era de tensão e o meu nervosismo também passou para a frentista. De repente um barulho: "Pá!"

A bomba parou e nós duas demos um grito! Eu de alívio e ela de susto por eu ter gritado. Foi engraçado!!

Total a pagar: R$ 270,00.

Ahhh... Que saudade da minha moto!

XIX Concurso “Fritz Teixeira de Salles” de Poesia

Nesta edição do concurso, em que definiu-se a divisão em três categorias – Infantil, Juvenil e Adulto – e não mais Geral e Monte Sião, tivemos um resultado bastante animador para a continuidade deste formato.

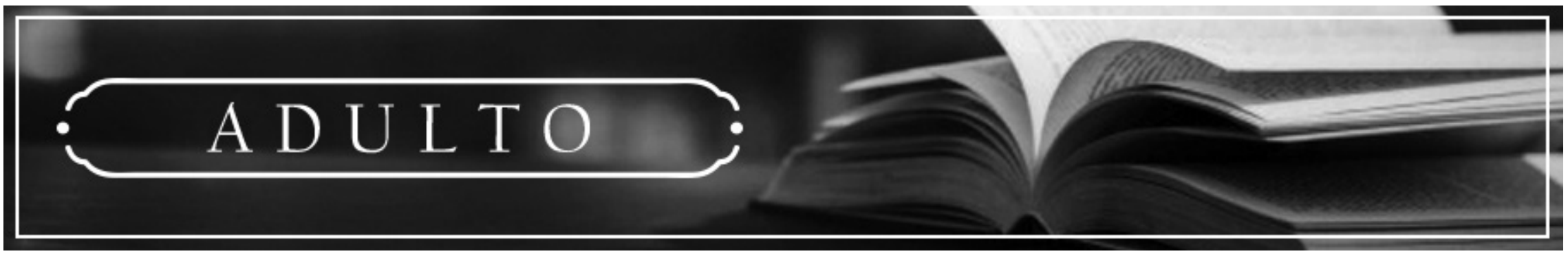
Na categoria Infantil recebemos 55 poesias, de 48 inscritos – sendo um participante residente no Canadá e uma de Portugal.

No Juvenil são 233 poesias de 145 inscritos, espalhados por 21 Estados e o Distrito Federal. Recebemos também uma inscrição de Portugal.

Os adultos são representados por 1567 autores – 2827 poesias. Poetas de todos os Estados e do Distrito Federal, e de 12 países – Alemanha, Angola, Bélgica, Canadá, EUA, França, Itália, Japão, Moçambique, Portugal Romênia e Uruguai. Portugal e Moçambique são os países com maior número de participantes – 38 e 11, respectivamente.

Infelizmente ainda não foi possível realizarmos o evento de premiação com a presença dos poetas e todos aqueles que acompanham as atividades da Fundação Cultural Pascoal Andreta, mas esperamos que possamos nos reunir brevemente.

Hoje publicamos aqui no Jornal Monte Sião as poesias classificadas. Nos próximos dias também estarão na página da Fundação Pascoal Andreta na internet: www.fundacaopascoalandreta.com.br



Primeiro lugar
“espantalho”

hoje há vento. chuva miúda. ninguém.

o frio persegue um pequeno corvo.
e as folhas arrefecem como casebres verdes.

tenho o casaco do senhor Augusto que
sempre gostou de casacos compridos e claros.
este é um beije de inverno. tecido grosso para os frios difíceis.
um casaco cheio de anos a fio desde a loja fina da cidade.

o meu peito é um farrapo de sarapilheira rota e de
sacos velhos e amarfanhados de plástico.
tenho uma folha de jornal no lugar do coração.
anúncios antigos a largar tinta.

as calças são de alguém que por aí andou nas
jornas de antanho. uma sarja coçada e suja por ventos e
matos em lavoiras curvadas pelo suor gordo dos
dias magros.

na cabeça fizeram-me um cabelo farto de
palha e de lã com fitas plásticas brancas e
prateadas e vermelhas.
o meu rosto é uma bola de trapos desordenados sem
cor definida. não tenho barba.

pedaços antigos de fruta anónima são os meus olhos a
minha boca e o meu nariz.
não tenho lágrimas. não consigo rir.
só falo quando há vento. chuva miúda. ninguém.

a orelha esquerda é um dvd gasto que já foi
o filme xis de gente curiosa.
a orelha direita é um cd partido onde se acoita
música francesa.
as orelhas brilham como espelhos.
mas não oiço. a não ser quando há
vento. chuva miúda. ninguém.

tenho na cabeça um chapéu enorme preto e
cinza. de abas largas como o campo.

as minhas mãos são garrafas de plástico.
e os pés são de madeira velha entre couves e
a vegetação densa e rasteira.

os meus ossos são uma cruzeta torta de
ramos de árvore e restos de tábuas.

tenho uma figura horrenda e quase humana. e
talvez seja por isso por esta semelhança terrível que
nenhum pássaro se aproxima de mim.

Nelson de Azevedo Ferraz
Águas Santas – Portugal

Segundo lugar
MONTE FUJI

Há dias de silêncio,
em que nenhuma palavra cabe,

em que nem o pensamento
de nenhuma palavra sabe;

dias em que só se respira
o vento que palavras fazem,

quando passam convidativas,
vestidas de bobagem.

Renata de Aragão Lopes
Juiz de Fora – MG

Terceiro lugar
Subjetivo

O rádio Semp que meu pai ouvia
Sentado ao lado da caixinha de abelha jataí
Diante da janela

A janela azul
De um azulzinho sumido, descorado
De tanto ter sido azul nesta vida
Desde um sempre até onde eu me lembro
E, intrigantemente, até de muito antes
Quando eu nem era ainda
O pé de laranja seco que parece nunca ter sido vivo
Mas que tem uma alma
E que comigo se comunica tristemente

A horta e a cerca de bambu antiga
O velho regador abandonado
Como um vivente que já não tem serventia

O córrego de águas limpas, marulhantes
O som do amor puro
Que só em sonhos saberei que existe

O mundo calado, calado, assuntando tudo
O mundo se rindo da gente

E lá, bem ao longe, a serra
A tardinha
O sol das almas... efêmero
A Ave-Maria da Rádio Inconfidência
A minha infância anoitecendo triste

E o cemitério no meio do caminho
Que é lá onde tudo vai parar um dia
Sem nunca se poder chegar ao fim de nada

A velha poesia inacabada
Em vida.

Edson Rangel de Almeida
Guaíra – PR

Quarto lugar
A FIGUEIRA

No jardim da velha casa
de pintura descascada
e cercas apodrecidas,
a ancestral figueira que testemunhou

o avô que podou os primeiros ramos,
a tia que varreu as folhas exaustas,
o primo que feriu versos no caule,
o tio que se enforcou em um galho,
a irmã que caiu do balanço amarrado,

farfalha ruidosa sua saudação ao dia que amanhece.
No jardim da velha casa
de corredores ocos
e mofo interrompido na parede sem quadros,
a ancestral figueira que abrigou

a mãe chorar escondida atrás do tronco,
a prima que beijou sobre o emaranhado de raízes,
a avó que colheu o primeiro figo,
o pai que adormeceu deitado na sombra,
o irmão que colecionava sementes que não vingaram,

verdeja para o sol que ergue alto o dia.
Agora, no jardim da velha casa
o mato cresce
e as janelas não olham mais para a rua.

Todos se foram e tudo levaram.
A maçaneta esfriou,
as portas emudeceram.

Deixaram apenas a figueira,
que se despede de mais um dia,
abrindo uma flor na escuridão.

André Gonçalves Mellagi
São Paulo – SP

Quinto lugar
O metal inumerável

Vejam como o rosto
emerge na manhã, encharcado de delírios:

Ensinemos às crianças:
O cheiro de um livro; a agricultura dos pássaros
que enchem a terra com as pequenas
maçãs luminosas de Cézanne;
que o milho é como uma aquarela;
que a palavra pode desenhar um corpo
anoitecido e crivado de estrelas, e também
a interminável envergadura do silêncio;
Construamos a pedagogia do deslumbramento
com exemplos como: o milagre
da pequena gota que se equilibra
na extremidade da relva dentro da manhã
ou
a arquitetura sonora do alarido
que é quando o povo canta,
que é quando luta contra os insondáveis abismos
dos decretos, das botas, dos exílios,
do metal.

Gritemos: é preciso conhecer a terra pelo tato.

E ensinemos a cada um e a nós mesmos a
violenta alegria agrária dos que pretendem
reapropriar aos Moai seu direito ao silêncio;
Aos xapiri sua leve cosmogonia
colorida das folhas; aos mendigos
a brutal significação do lar;
aos poetas a verve ensandecida
da querela que pode haver
entre Platão e Cortázar;
e aos melancólicos a doentia felicidade de Keats

Vejam como o rosto
emerge na manhã, dolorido de delírios:

É todavia um trabalho diário,
pequeno:

arrancar da pedra o canto,
criar o pão, debulhar grãos inumeráveis sobre a terra,
rasgar neste ar buracos por onde possamos ver que
aqui, neste lugar,
os mortos ainda sentem fome

Leandro Tizolin Barbosa
São Paulo – SP

Sexto lugar
Salinidade

Na incandescência do sol, água seca
é flor de sal na saliva do dia.

Não há essência no cacto da névoa

Arabescos de nuvens
no vazio infinito tragam miragem.

Quando no espelho do vitral há imagem quebrada.

Só a angustura do metal
amálgama a costura das horas.
Enquanto durmo à sombra da salina
para secar a dor.

Bernadéte Costa
Joinville – SC

Sétimo lugar
Trem fantasma

Da janela do trem da minha infância
eu via passarem os mugidos,
os cantos,
os murmúrios
e os silêncios.
Os silêncios das montanhas em expectativa,
das fumaças recém-libertadas
e das coisas não vistas.
E via passarem os ecos escuros dos túneis.
Como os postes corriam!
As árvores,
as casinhas,
os currais,
corriam tanto, tanto,
que também apenas o seu eco
ficava em minhas retinas.
Em cada tapera, eu sabia,
habitava uma assombração.
Depois, o progresso, exclamam!
E as assombrações, também elas, se foram
em busca de vida melhor após a morte
nesse assombro maior que, dizem,
chama-se êxodo rural.
Agora as taperas e postes não correm
e o trem não sente o cheiro de nada
com suas narinas congestionadas
de ferrugem e cinzas.
Naquele tempo,
o trem era só uma lagarta
comendo as bordas do campo.

Agora, quando eu ando sobre os dormentes podres,
tento ver os silêncios das montanhas
e o cochicho dos vales com os pastos.
Mas sou apenas eu a correr
e a deixar para trás o meu eco triste.

Helton Lucinda Ribeiro
São Paulo – SP

Oitavo lugar
sutileza em tons de vermelho

a marca das mãos
no apoio do rosto

um pensamento
com peso específico

horas de sol
no contato da pele

o nariz do palhaço
introvertido

o inseto atento
fugindo do ataque

a revolução
bolchevique

o plano secreto
de tocaia do corpo

a marca de batom
na beira do copo

a língua na origem
de todo ruído

nada disso é azul
nem amarelo
nada disso é opaco

porque é feito de sangue
e arde
o que está vivo

Tassyla Queiroga Sousa e Silva
João Pessoa - PB

Primeiro lugar
TARRAFA

A tarrafa
que tarrafeio
pesca peixe bonito
e também peixe feio

Caetano Duguay Duarte
5 anos
Delta – Canadá

Segundo lugar
Sonsas

BorboLetras seguem sonsas
sancionando Boas Leis
Louva-Deus rezou pro Santo
Pai Nosso rezou também

As formigas sempre francas
compunham um som do além
Chamaram boas cigarras
pra cantarolar também

Nesse bailado artrópode
na Comunidade do Bem
aliados ou avoados
rogam o mesmo amém

Amy Lindsay Centeno Ferreira
11 anos
São José dos Campos – SP

Terceiro lugar
A bailarina

A bailarina dança balé,
e gira na ponta do pé.

Quando se distrai,
simplesmente cai!

Mas cair não adianta,
e rapidamente se levanta.

Padê Burê,
Relevè,
Passe developer.

E terminando,
um salto vai entrando!

Com muita leveza,
finaliza com delicadeza.

Beatriz Taveira Pereira
9 anos
Monte Sião – MG

Quarto lugar
SONHO

Eu sonhei papai
que não tinha parque
não tinha jardim
as plantas
e as flores
estavam nascendo
em mim

Caetano Duguay Duarte
5 anos
Delta – Canadá

Quinto lugar
ISOLAMENTO

Não sei o que aconteceu,
de repente tudo parou,
nada parecido havia acontecido.

A escola fechou,
A diversão lá fora acabou,
Pois um vírus chegou!

Nossa casa passou a ser o nosso mundo,
de lá tudo fazíamos,
dessa experiência todos irão lembrar.

Vinícius Gastão
12 anos
Monte Sião – MG

Sexto lugar
SENTIMENTO

Poderia mentir,
Poderia falar a verdade,
Dizer que estou bem,
Dizer que estou mal.

Pessoas estão doentes,
Da mente ao físico,
Cada dia é uma luta,
Cada dia um sentimento.

Sofia De Castro Morais
12 anos
Monte Sião – MG

Sétimo lugar
SIGNOS

Signos pra cá e pra lá
São tantos que nem dá pra contar
Cada um com suas diferenças
E suas crenças

O meu é Virgem
E não, eu não sou organizado
Sou bagunceiro, agitado e animado
E não choro pelo leite derramado

Sou pessimista?
Depende da situação
Prefiro ser otimista
Seguindo meu coração.

Felipe Ramalho de Souza
10 anos
Brasília – DF

Oitavo lugar
“Ser criança”

Que bom que é ser criança!
Nenhuma brincadeira me cansa!
Todos os que amo estão comigo
E não tenho nenhum inimigo!
Tenho força nas pernas para correr
E muitos livros para ler!
Quando já não for pequenina
Terei saudades de nunca estar sozinha,
Saudades de longos passeios pelo jardim
E do verão nunca ter fim!
Agora resta me aproveitar
Enquanto a única preocupação é brincar!
Um dia também vou aprender
Como é bom estar a crescer!

Carolina Alexandra Rodrigues Mourão Pinto
10 anos
Mem Martins – Portugal

Nono lugar
Que cor que o gato tem

Preto, branco, amarelo e cinza também
Gato preto é fofo
Feito pantera negra espera na escuridão

Os brancos, flocos de neve
Aquecem meu coração

Gatos amarelos
Brilham como o sol
Iluminando a noite enluarada

E cinza tem o Otti
Que não pode ver um pote de ração.

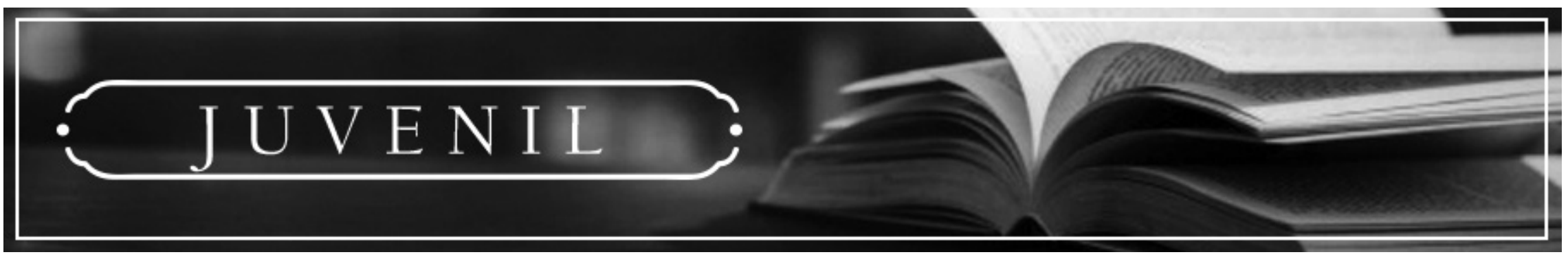
Maria Luísa Dornelles Veiga
8 anos
Viamão – RS

Décimo lugar
A LUA

O céu escurece
As estrelas descem
Todos ficam animados para o início do show

A lua sobre e dança que nem bailarina
Todos se animam
E o show termina.

Felipe Ramalho de Souza
10 anos
Brasília – DF



Primeiro lugar
Coisa de quarentena

O bolo cresce.
Eu aqui no sofá
Mais um aqui
Mais outro lá
A mulher do jornal
Mais uma
O jornal quase no fim
A previsão de hoje é chuva
Chuva de sangue com ácido...
Outra fatalidade

O bolo cresce.
Mudo de canal
O presidente na televisão
A cadeia hoje vai ficar movimentada
Sem comentários
E a população?
Ela tem outras coisas para se preocupar

O bolo tosta.
Vou pra outro canal
A mulher chora
A outra consola
Elas e outras milhares

Oh não! Meu bolo!
Troco outra vez de canal
Mais um milhão

Acho que dá pra aproveitar alguma coisa.
A esposa chora em rede nacional
A filha pede ajuda para os outros
Ampara a mãe

É só tirar a casca.
O médico dá outra notícia
Calma doutor

Vou jogar uma cobertura.
Virou calamidade
E cadê o presidente?
Mais uma
Black Lives Matter!
O povo vai pra rua

Depois eu jogo um coco por cima.
O juiz apita no estádio
Mais dois do lado de fora
A população indignada

Vou colocar alguns morangos.
O jogo termina
Ninguém sai vitorioso

Esse bolo ainda tem salvação!

Wanessa Vitória Gonçalves Vianna
Santos Dumont – MG

Segundo lugar
O dilema de todo homem

Estamos aqui, porque estamos aqui,
abaixo desses céus, acima dos infernos
e sem saber como somos instantes eternos.

Estamos aqui, porque estamos aqui,
viemos pra cá, sem ninguém nos convidar,
nascemos, sem querer e decidimos aqui ficar.

Estamos aqui, porque estamos aqui,
sem motivo certo, sem validação,
abstratos, concretos, sem definição.

Estamos aqui, porque estamos aqui,
porque somos um milagre, escolhidos no universo,
porque somos a história desse cosmos, somos o verso.

Abaixo das estrelas, acima dos outros animais,
irracionalmente, racionais.
Passado, presente e futuro
do que ainda é escuro.

Estamos aqui, porque estamos aqui,
sozinhos? Para ter que construir
dos átomos da terra nós mesmos a ruir.
Acompanhados? Num processo de viver,
evoluir, amar, aprender e morrer.
Para que enfim, glorifiquem nossa vivência
eternizados nas estrelas, aguardando com paciência
o dia em que descobriremos o sentido das palavras e da nossa existência.

Estamos aqui, por que estamos aqui?

Sara Cristina Felipe Franco
Barbacena – MG

Terceiro lugar
AMPULHETA

ontem li uma crônica sobre amigos telefônicos
publicada em maio de 1986
um dia depois do meu aniversário

quis te ligar porque chove
o cigarro apaga
o semáforo fecha
e todo mês
a parcela do plano funerário confirma
que morrer parece muito
um envelope amarelo

entretanto
no calendário
é janeiro
e pelo bem
atualizo as planilhas

Maria Clara Viana Menezes
Apodi – RN

Quarto lugar
Sinto sentir

Sentimentos correm pelo meu corpo
Me penetram como açúcar se diluindo em água
Na mais intensa
Fusão de inconformidades.

Sinto o tilintar do desfecho de histórias inacabadas
Que pulsam com a dúvida dos caminhos não seguidos.

Sinto
Mas sinto tanto
Que as vezes desejo não sentir.

Meu corpo flutua
Pela perdição de desejos abstratos,
Num impalpável querer
Louco, insano, desatinado.

É como uma linha tênue
Entre ser
E ser em formas diferentes, incompreensíveis
Ao olhar vago.

É que sou tão eu
Que não poderia ser mais fácil.

Maria Eduarda Pereira Neto
Montes Claros – MG

Quinto lugar
A Peste

O rei que outrora fora grande
Vestia sua coroa,
E conforme vontade
Flagelava quem ele queria.
A coroa que agora é pequena
Se veste de gente,
E conforme contexto
Flagela quem ela atinge.

Samuel Moreira Costa
Ouro Fino – MG

Sexto lugar
O peso da vida

Não nascemos bons ou maus,
Nascemos inocentes,
Que n ada t em a ver c om m oralidade
Mas sim com a liberdade.
Nascemos livres,
Mas de segundo em segundo
Perdemos as asas da humanidade.

Não nos tornamos humanos
quando crescemos,
Nascemos humanos
e nos tornamos homens,
Que nada tem a ver com sexo,
Mas sim com moralidade
Ou com o que julga-se moral.

Palavra por palavra,
Assumimos a culpa dos antepassados,
Que nada tem a ver com erros,
Mas com o que fizeram,
Ou deixaram de fazer
Por nascerem humanos
E morrerem como homens.

Não morremos c omo bons ou maus,
a morte não consegue ver lados,
Assim como o tempo não vê culpados,
Mas morremos
Ou culpados, ou cúmplices
Não como humanos,
Mas como humanidade.

Rhuan Gabriel Silva Mendonça
Passos – MG

Sétimo lugar
Poesia da Moça Cansada

Dedico este poema às moças cansadas...

O couro da moça
Era a charque
Mais salgada
Do sertão.

E o suor que escorria
Era um rio que percorria
O seu corpo violão.

E nua
Como a Lua
Numa noite muito escura
Ela se deitou ao chão.
Pois andava cansada

Vivendo em vão
E prostrada buscava
Na terra o caixão.

E foi póstuma até que veio
Na sua direção
Um velho gordo e feio
Com ares de razão.

“Que faz aqui menina?
Não tem vergonha não?”

“A que tinha troquei
Por um pedaço de pão.”

E o velho riu-se
Sem dar satisfação
E com ar de sarcasmo
Lhe disse então:

“Mas que vida é essa
Sem fogo ou paixão?”

“É a vida da carne
Que dou pro patrão.”
Diante da afronta
As íris viraram borrão
O canto dos lábios torcidos
De asco e aversão:

“Mas homem sem mulher
É arroz sem feijão!”

Logo a mulher cuspiu
Sem hesitação:

“Antes pra mim um cachorro
Que aquele varão.”

Carmim de cólera
O gordo bramou um sermão:
“Lhe falta é macho
e um terço na mão!”

E com a bala no tambor
Mirou nela o coração
E matou-a com três tiros
Um pra cada traição.

E morreu assim
Sem amor nem compaixão
A mulher mais cansada
De todo o sertão

Marina Barrichello Marone
São Paulo – SP

Oitavo lugar
Quebra-cabeça

Nos sambaquis pulverulentos de minhas novas terras,
Corri com os pés descalços.
Ali história doida recomeçava sob a outra.
Foi então que vi-te pela primeira vez,
O infindo litoral.
Eu era como fogo, mas só queria ser o mar.

Marcus Vinícius Okubo
Gama – DF

Nono lugar
Malemolência do Olhar

Você abre a porta,
e me invade com teu olhar cogitabundo,
me envolve pelos teus braços,
e sussurra se quero o mundo!

De primeira, recuso,
Seu convite é intruso.

De segunda, cogito,
Seu pedido é implícito.

De terceira, não resisto,
Seu apelo é aristo.

Pela dança seus movimentos desordeiros
guiam-me, pois a vida é uma roda,
cheia de rebolados e malemolências.

Você tenta me beijar,
mas a conquista não passa do seu olhar,
sou de sorrisos, gargalhadas e risos.

Nada é garantido nessa vida,
apenas que o mundo,
você não pode me dar.

Mas o desejo é uma dúvida,
e por ela, você me faz querer arriscar,
afinal tudo é incerto,
mas eu nunca disse que prefiro estar certo.

Felipe de Souza de Lima
Pinhais – PR

Décimo lugar
Circunscrito

Éramos eu, as incertezas e o exício,
Acorrentados ao breu de meu pequeno quarto,
Que tão escuro era ainda nas primaveras mais luzentes
E não deixara escapar pela porta o meu ponto mais fraco.

Murmuro observando as estrelas quando me lembro da juventude.
Ah, que falta sinto da infinitude,
Dos Sábados durante os Domingos,
De mim mesmo em vinte e poucas versões, da infância
drapeada de azul no Rio
Sucuri, da vida de inquietude.

Lá se foram meus sonhos, sem despedidas ou solenidade.
Em fragmentos encontro a mim, nesta terra esfacelada,
Corrompido pela amargura a cada tique-taque.
Sou nada, sou tudo. E assim segue o tique-taque, tique-taque...

Às borboletas, dedico minha nímia e agoniante dor.
Que ser um ávido melancólico seja apenas metamorfose
E que eu possa voar, ainda que no futuro,
Não mais sonhando ou devaneando, apenas em simbiose.

À luz que deixou meu caminho, quando perdi quem eu amava,
dedico minha carne.
Minha única e genuína verdade,
Materialidade maldita e repleta de charme,
Mas que me torna real em minha própria irrealidade.

Marcus Vinícius Okubo
Gama – DF

MULHERES PELA PAZ - FRAUEN FÜR FRIEDEN

Mulheres pela Paz - Frauen für Frieden foi um movimento iniciado em Augsburg, cidade da paz na Baviera, Alemanha, quando pela primeira vez brasileiras e alemãs reuniram-se para celebrar o dia internacional da mulher, dia 8 de março de 2014.

Em 2017 nos registramos em Augsburg como uma associação oficial, sem fins lucrativos. Plantamos uma semente em solo fértil, já que Augsburg é a única cidade alemã onde existe um festival de arte dedicado ao tema paz, celebrado há mais de 370 anos. No feriado oficial da paz, dia 8 de agosto, os residentes da cidade são convidados para o fechamento do festival na praça da prefeitura, Rathausplatz, onde reunidos compartilham comidas, bebidas, enfim, uma confraternização coletiva.

Dessa forma, mesmo durante os anos de pandemia, reinventamos nossa participação nos eventos oficiais da cidade. Iniciamos 2021 gratas por termos parcerias nacionais e internacionais, sólidas e resilientes. Durante seis anos celebramos anualmente o *Sarau da Paz de Augsburg* no dia internacional da mulher. As convidadas eram artistas residentes em Augsburg e no exterior, unidas por um trabalho voltado ao cultivo de uma cultura da paz. Nosso lema: **honramos todas mulheres que perderam suas vidas durante diferentes atos de violência na Terra. Acima de tudo celebramos juntas o poder daquelas que aprenderam a transformar sua dor em arte.**

Solidariedade com criatividade, foi o lema do meu primeiro projeto na Alemanha, apresentado em Munique, maio de 2013 e posteriormente na feira do livro de Frankfurt. Desde então as palavras, os versos, as poesias registradas nas páginas das publicações anuais são o testemunho de que continuamos firmes no nosso propósito. Acredito que nossa coluna trimestral no Jornal Literário de Monte Sião marcará uma nova etapa de mais uma contribuição coletiva dedicada à paz. Tabalhamos juntas(os), constantemente, em um processo de dentro para fora, diário, incessante, com uma palavra pequenina, responsável por enormes transformações no planeta! Sigo meu caminho a passinhos de formiga, como um dia profetizou meu mestre Waldemar de Andrade e Silva, repetindo em prece a profunda reflexão da inesquecível Clarice Lispector: *que ninguém se engane, só se consegue a simplicidade através de muito trabalho.*

@Alexandra Magalhães Zeiner (Coordenadora e curadora da *Mulheres pela Paz - Frauen für Frieden* de Augsburg, Baviera, Alemanha).

Agradecemos penhoradamente o apoio das seguintes instituições alemãs e brasileiras:

- ABC Medienagentur (Augsburg)
- Arbeitsgemeinschaft Augsburger Frauen (Augsburg)
- Bicentenário da Imigração Alemã no Brasil (São Leopoldo)
- Departamento de Igualdade de Gênero da cidade de Augsburg (Augsburg)
- Kaffee_art (Augsburg)
- Loja de Ideias Audiovisual (Sorocaba)
- Portal Brasil Alemanha (Porto Alegre)
- Pragmatha Editora (São Paulo)
- Projeto Poesia no Pano – Poesie in Stoff (Indaiatuba)
- Rede de Escritoras Brasileiras – REBRA (São Paulo)
- Terceira Margem (Sorocaba)

Poetisas e Poetas homenageados:

Alaercio Zamuner
Alexandra Jacob
Claúdio Márcio Barbosa
Clevane Pessoa
Gaiô Gaiofatto
Isabel Vargas
Jullie Veiga
Lionizia Goyá
Noralia Castro
Rosana Hummel
Vânia Camargos

... Ainda ouço nosso pai chegando a cada vez que faço meu caminho de casa, ainda ouço nosso pai chegando quando passo no mercado mais próximo, escolho aquele certo pacote de batata chip, a barra de chocolate mais crocante, para quem me espera, sem deixar de narrar as crônicas de todo o percurso, com os perigos passados no trânsito, as ameaças dos mesmos sacis exigindo os doces que formam o elo corrente entre tempos e vidas… — A bença, Nosso Pai!

Alaercio Zamuner

Pisquei os olhos e o ano está por terminar...
Dias de noites e noites de sol.
...Pessoas de sorrisos largos e
pessoas escuras em meio ao caminho...
Risos de chorar e choro que só a alma
sabe identificar...
Dores físicas traduzindo o emocional...
Dias de aprendizado e aprendizado sem finalizar...
Dezembro chega assim:
Recheado de amor, sorriso de criança,
esperança absurda!
E uma FÉ inabalável!
Dezembro!
Seja bem vindo!

Alexandra Jacob

A paz está *Frieden ist*
Dentro de cada um de nós *In jedem von uns*
Faz-se nobre *Es ist edel*
Aquele que sabe coroá-la *Wer weiß, Ihn zu krönen*

Claúdio Márcio Barbosa

Serra,névoas,nuvens
- quais as asas de anjos,aves,
tudo lindo e onírico...
(Haikai de Haruko)

Clevane Pessoa

… Tua beleza e formosura é reconhecida
Teu amor, característica marcante
Teu talento em vários campos é notório
Teu valor moral, inquestionável.
A paz passa por tuas mãos
Pelas batidas de teu coração
Por tua capacidade de amar
E conquistar todos os corações.

Isabel C S Vargas *(Fragmento do poema Preciosidade)*

… Vivo me contando histórias. E quando posso as levo pra passear…pouca gente as vê.
Pulsa no cosmos o fluxo deste instante. Eu já pressentia o nada, o vazio fértil em construção. E o sinal da Cruz na testa ao pô-las pra dormir, e que os Anjos cuidassem de suas noites, seus sonhos e possíveis medos.
E vieram os netos. Carreguei o umbigo de Ana como relíquia, de avião, que plantei num vaso de rosas e primaveras brancas. Brotaram à primeira chuva…Lindas, delicadas, felizes sorrindo à Vida.
Vivo me contando histórias …

Gaiô Gaiofatto

antes que eu cale
o que me principia
e adormeça onde invernam as almas

Jullie Veiga

A vida
é um Flash de existência!

Lionizia Goyá

… Mãe Terra me chama a cada dia
para que participe diariamente
e a vida presente não se perca.
Meus braços estão estendidos, Senhora.
Quero tornar-me sua Filha-Mãe,
para que o Sol venha nos beijar, a cada manhã.
Como não sonhar e voar junto ao vento,
fincando mais os pés aqui,
para abraçar cada pedacinho do nosso Lar,
para conservá-lo no amor em amor mútuo.

Norália de Mello Castro *(Fragmento de Como não Sonhar)*

Ato Antiecológico
Da dor
eu quero a doçura
para torturá-la em meus dentes
Do louco
eu quero a bravura (doce)
para refazer inocente (?)
Da hora
ter eu a injúria
para soprá-la poente
Da flora
eu quero a secura
para testar a semente
Da terra
eu quero o oriente
para ocidentá-la envolvente
Da mão
o que se segura
pra se soltar derrepente...

Rosana Hummel

... Não podemos ser todos capitães, temos que ser tripulação.
Há alguma coisa para nós aqui!
Há grandes obras e outras menores a realizar. E é a próxima, a tarefa que devemos empreender.
Se não puder ser uma estrada, seja apenas uma senda.
Se não puder ser sol, seja apenas uma estrela!
Não e apenas pelo tamanho que terá êxito ou fracasso,mas seja o melhor do que quer que você seja!

Vânia Camargos *(Fragmento do poema Seja você)*

UM NATAL DIFERENTE

ZUCA

Quando se aproxima mais um Natal, boas lembranças trazem algumas outras histórias pra contar.

Em um Natal mais antigo, talvez meus avós Zilim (Basílio) e Francisca nem morassem na casa da rua direita, mas em uma casa na Praça da Matriz. Meu avô teria passado por muitos insucessos com o café naquele ano e estavam sem dinheiro. No dia da Véspera então, apareceu meu bisavô, o Nono Pelegrino Tortelli e trouxe de presente algum dinheiro para minha vó, disse que era para ela preparar a ceia e comprar brinquedos para as crianças. Naqueles dias acho que só eram nascidos os três primeiros filhos, minhas tias Nenê e Odete e meu tio Hélio. Minha avó contava que depois que ele foi embora, pela janela da cozinha nos fundos da casa, ficou olhando o Nono subindo a cavalo o morro do Chiquinho voltando para a fazenda no bairro da Guardinha, debaixo de forte chuva e coberto com seu capote. As crianças perguntaram quem era aquele homem a cavalo naquela chuvarada e minha avó em lágrimas respondeu que era Papai Noel. Afinal, era mesmo o Bom Velhinho, pois havia feito o Natal feliz para eles.

Noutro também dos que não vivi, mas gostaria de ter vivido, meu vô Peri (Pedro) tinha uma loja/mercearia de mil e uma utilidades. No Natal, era a única loja de brinquedos da cidade e ali gerações de montessionenses buscavam pelo Papai Noel Peri para presentear seus filhos. Dizem que nos tempos mais antigos, a loja do meu avô era mesmo como aquela Fantástica Loja de Brinquedos de um filme de Hollywood, tinha de tudo e era mágica. Em tempos menos distantes, meus irmãos Fernandinho e Mônica com os primos Angélica e Serginho, faziam test drive de alguns brinquedos antes deles irem para as prateleiras. Com certeza aprovavam.

Lembro que sempre no Natal, meu pai dividia um queijo do Reino com o amigo Nilson Canela. Era aquele queijo em forma de bola, com uma casca rosada e que vinha numa lata bonita. Cada ano a lata ficava com um deles e o queijo era dividido ao meio para as famílias. Meu amigo Adriano, filho do seu Nilson, já reclamou que eu sempre conto a mesma história, mas essas repetidas são as melhores e então está aqui também.

A estrela guia do presépio da minha mãe tinha estragado e eu queria fazer outra, mas não sabia como. Minha mãe sugeriu que eu pedisse ajuda ao José Ayrton Labegalini, que montava o presépio da igreja e às vezes eu era seu ajudante. Pedi essa ajuda e ele me ensinou a desenhar uma bela estrela de 5 pontas e depois o rabo curvado do cometa. Depois de treinar um pouco, fiz o desenho em um pedaço de papelão e depois encapamos com papel alumínio prateado. Ficou por anos no nosso presépio, pendurada nos galhos de bambu sobre a manjedoura do Menino Jesus.

O Natal no Brasil cai no começo do verão, é sempre calor e está sujeito à chuva. Uma vez, depois da ceia na casa da Vó Francisca, lembro de estar subindo pela praça em direção à Matriz. O chão da praça estava molhado de chuva que caiu pouco antes. O cheiro da chuva misturado com a pipoca. As pessoas felizes e arrumadas se encontrando no point da cidade. Eu pequeno, andando na frente e meus pais de braço dado, chegando na fonte da praça, que depois de algum tempo de inatividade havia sido reformada. A água da fonte em sprays finos que molhavam nossos rostos. Não me lembro se fomos para a Missa do Galo. Acho que não. Tradicionalmente começava à meia-noite e foi por muito tempo uma das cerimônias mais importantes, concorridas e demoradas da nossa igreja.

E nessas do Natal ser no verão por aqui, desde pequeno ficava imaginando como seria gostoso o Natal que via nos desenhos e filmes, com muita neve, frio e lareira acesa. Mais recentemente tive a oportunidade de vivenciar essa experiência. Eu, a Pati e as meninas passamos um final de ano na Inglaterra. Não teve muita neve, mas os sonhos antigos puderam ser realizados. Na véspera fomos assistir a um espetáculo natalino com coral e orquestra no Royal Albert Hall, um evento tradicional das famílias londrinas. Gostoso de ver pais, avós e crianças cantando juntos as músicas que cantarolamos traduzidas por aqui desde pequenos. Depois fomos passear andando pela cidade, com suas ruas iluminadas com enfeites de anjos e estrelas brilhantes. Passamos pela pequena igreja de Santa Margarida, que com seu rito Anglicano muito se assemelha ao Católico. Antes de voltar para o hotel, as meninas ainda tiveram a oportunidade de patinar no gelo e não caíram.

No dia de Natal Londres fica totalmente fechada. Nenhum lugar para visitar, nem metrô funciona. Mas havíamos combinado um tour até Oxford e depois para a cidade natal do Shakespeare. Em Oxford fomos recebidos para um almoço tradicional natalino em um Pub inaugurado em 1606. Mantendo a tradição de presentes, cada um de nós ganhou uns canudos de cartolina encapada com papel brilhante e celofane. Tínhamos que puxar as duas pontas do canudo para arrebentar o meio dele e explodir uma chuva de papel picado, que representa a chuva fina que lava e purifica. Dentro do canudo pequenos pedaços que montados como um quebra-cabeças formavam um peixe que representa o principal presente desejado, a vida com saúde e fartura. Lareira acesa para um frio de -1° do lado de fora. Almoçamos peru com batatas, cenoura e bacon, regados com vinho e cervejas que saiam direto de torneiras no balcão. A sobremesa foi a melhor parte, um pedaço de bolo mergulhado em um creme inglês quentinho com um toque de conhaque, que aqueceu a segunda parte do nosso passeio. Chegando de volta à noite, sem metrô, tivemos que ter a sorte de conseguir um tradicional táxi preto até o hotel.

No Natal passado, outras novidades inesperadas aconteceram. Estávamos no meio dessa pandemia de Coronavírus e na antevéspera a Patricia foi diagnosticada com o tal bicho ruim. Imaginamos que eu e as meninas também deveríamos estar contaminados e decidimos então que ficaríamos os quatro isolados dentro de casa e viveríamos aquele Natal de uma maneira que conseguíssemos aproveitar mais uns aos outros. No dia seguinte nossos três resultados deram negativo, mas não tínhamos isolado a Pati e decidimos juntos novamente que nosso isolamento seria com os quatro juntos. Na noite de Natal jogamos bingo antes da nossa ceia e brindamos à vida pedindo saúde para todo o planeta. As graças do Menino Jesus nos cobriram mais uma vez. A Pati superou os piores dias antes ainda da virada do ano. Eu e as meninas não pegamos a doença. Aprendemos outra vez a ver sempre o lado bom das coisas e seguir em frente juntos. Tivemos a benção de ter outro Natal mágico e diferente.

Feliz Natal pra todos.

O CÃOZINHO ABANDONADO

VALDO RESENDE

Vista ali, maquiada, bem vestida, recostada no parapeito do viaduto Jacareí, olhando embaixo para a Avenida 9 de Julho, não dava para imaginar seus motivos. Parecia uma senhora comum, uma transeunte distraída com a movimentada avenida vista ali do alto, com seu eterno vai e vem de carros, ônibus e motos.

Postada na mureta do lado oposto ao centro da cidade, o olhar permanecia fixo, sendo difícil saber exatamente qual ponto era observado. Ela acenava, com voz lacrimosa, olhar marejado, dirigindo-se para quem lhe desse atenção: "- Olha ali, está assim, amarrado o tempo todo. Tadinho! Sem comida, sem água. Nem se mexe!" Enquanto o interlocutor tentava entender o que estava acontecendo ela esclarecia, apontando para a paisagem próxima: "- Moro ali, naquele edifício da 9 de Julho. De lá vejo ele, pobrezinho, amarrado, sem água, sem comida".

O ato de repetir a situação do amarrado sem água e comida visava despertar a piedade sobre... o que mesmo? E ela virava-se para o novo "amigo" mostrando-se por inteira. Os olhos bem pintados, um batom acentuando os lábios, a blusa, de manga comprida, tinha um decote generoso e, caso o gajo descesse o olhar veria uma cintura bem marcada, saia justa sobre pernas longas, salto alto.

Com voz triste, cheia de piedade, insistia na cantilena do pobre sem comida, sem água; um cachorro em uma coluna de madeira preso em um quintal ou pátio de estabelecimento da rua paralela à avenida. O quadro era real, o que não se podia era afirmar a autenticidade dele. Estar sobre o viaduto Jacareí e descer à rua verificar a situação demanda uma caminhada que carece de um sujeito apaixonado pelo ato de proteger todo e qualquer animal.

"- Moro ali, fico olhando pela janela. De lá tenho uma ótima visão e esse pobre animal está lá desde sexta-feira, ficou a noite toda e, veja bem, são quase cinco horas da tarde. Olha, não tem água, não há comida. Ele está tão fraco que pousam pombos bem próximo e ele não se mexe!" Era fácil constatar que o cão, já habituado ao espaço e às próprias condições nem se mexia com os pássaros por não poder alcançá-los. Uma observação mais demorada e percebia-se o movimento do animal, acomodado ao cativeiro. "- Eu não aguento vê-lo assim; fico muito triste!", ela insistia.

A obviedade da questão seria a distinta procurar as autoridades competentes, fazer uma denúncia, salvar o bichinho! "-Sou uma mulher sozinha, tenho receio, vai que sofra alguma retaliação! Se alguém me ajudasse..."

Nem sempre a conversa ia muito longe. Uns deixavam-na no vácuo, sem dar muita atenção. Um ou outro observava bem o local, indagava o nome da rua e prometia tomar uma atitude. Havia outros, mais raros, que observavam a maquiagem, o decote, a saia justa e, sondando possibilidades, partiam para o apartamento da protetora dos animais buscando ter a mesma visão que ela. O encontro terminava em sexo e o cãozinho permanecia preso.

Uma solidão brutal. Juliana não nascera para viver assim. Fora moça linda e os traços estavam ali, bem marcantes, denunciando sobre a figura majestosa de uma idosa a mulher bonita de outros tempos. Casou-se uma vez, não deu certo. Os ciúmes do marido eram tóxicos. O divórcio foi inevitável. O segundo casamento terminou quinze anos em depressiva viuvez. A solidão não foi tão percebida enquanto o tempo foi tomado pelo trabalho. Veio a aposentadoria; os amigos tinham seus familiares, suas vidas. A dela era estar só.

Não se adaptou aos grupos de terceira idade. Eram frequentes as sensações de desespero, de um aproveitar a última oportunidade, de viver o que restava. Pintavam situações de permissividade, com argumentos do tipo "o que há para se perder"? A dignidade, respondia. E foi se afastando, abandonando reuniões, evitando encontros. Ficou só. Perdeu a noção de quanto tempo se passou até que se percebeu absolutamente isolada, olhando a vizinhança pela janela privilegiada do apartamento do sétimo andar.

Há poucos transeuntes pela Avenida 9 de Julho, em São Paulo, quase tomada exclusivamente por carros. Bem ali, ao lado do Viaduto Jacareí, o mais comum eram pessoas descendo ou subindo escadas rapidamente. Quando na Avenida iam para o ponto de ônibus, ou então, eram moradores, vizinhos. Os que subiam as escadas tinham a Câmara de Vereadores como destino, a Biblioteca Mário de Andrade, a Federação Espírita ou outro lugar qualquer.

Perdeu a conta dos assaltos vistos sobre o viaduto, os assaltantes fugindo calmos, com a tranquilidade de quem sabe que não será seguido. Deixavam carteiras, bolsas vazias nos últimos degraus da escada. Em finais de semana, após finais de futebol ou em dias de carnaval, apreciava diferentes composições de seres humanos fazendo sexo. Não enxergava direito pelo movimento, a iluminação precária. Acabou comprando um potente binóculo.

Conheceu pela Internet as salas virtuais. Por pouco tempo, já certa de não ter nascido para tal tipo de faz de conta. Trocou a sala por brinquedos eróticos que, para seu desespero, não incitaram sua imaginação, nem mesmo com o apoio de fotos, vídeos. Nascera para encontros reais, embora não tivesse coragem nem cara de pau para tomar iniciativas. Era necessário aguardar a sorte, o destino, o momento certo.

Lia muito. Leu e releu tudo o que havia acumulado ao longo de anos, comprou novos títulos, passou a frequentar as salas da Biblioteca Municipal. Um ou outro bar, jantar nas cantinas próximas, teatro, uma exposição. E ela sozinha, sem coragem de se aproximar, de tomar atitude e só muito raramente sendo abordada. Em sessões televisivas de autoajuda concluiu que precisava criar oportunidades, já que essas não apareciam.

Deve ter sido um gato, um rato, vai saber! Uma noite de sexta para sábado e ela teve o sono perturbado pelo latido distante, incessante do cachorro que, mal amanheceu o dia e ela conseguiu localizar o bichinho. Sol alto, visão boa, lá estava o cachorro no distante vizinho, amarrado e, como ela, solitário. Era um estacionamento, também lava rápido, sempre cheio de carros. Não era difícil concluir que o bichinho permanecia amarrado para não machucar nenhum freguês. Só a noite, estabelecimento fechado, o cachorro ficava solto. Quem sabia disso? O cãozinho. E ela.

Gostava de rir quando lembrava que a ideia veio do velho e bom conto de fadas. Se ela precisava de um Joãozinho para se alimentar, o jeito era atraí-lo tal qual a historinha, fisgando-o e arrumando um jeito de levá-lo para casa. Melhor, não aguardar a presa crescer, engordar. Era resolver a fome, saciar o desejo e seguir em frente, rumo a outro João sem Maria. Um plano canhestro, quase sempre fadado ao fracasso. A aventura, no entanto, era real e a adrenalina subia dando-lhe sensações há muito esquecidas.

Quando o interfone tocou anunciando a visita de um vizinho que não conhecia, ela desceu para atendê-lo na portaria, pois, não iria abrir sua casa para gente enxerida. No pequeno hall o homem falou poucas e boas, identificando-se como o dono do estabelecimento onde o cachorro permanecia preso durante o dia. Ele contabilizou dezoito denúncias e vários meses até descobrir de onde e como partiam tais acusações. Estava tendo um trabalhão para sair ileso de crime não cometido e exigia que ela parasse com aquilo. Enquanto ele falava ela o admirava.

Era um senhor bonito, forte, talvez um bom amante. Ela fingiu consertar um botão na blusa, abrindo essa com sutileza e olhar absolutamente cheio de intensões. "– Você, posso chamar o senhor de você, não é mesmo? Então, você precisa ver como eu vejo, da minha janela. Vai entender por que me vem a impressão de seu animalzinho ser mal tratado. Na verdade, eu gostaria de fazer algo por ele! Venha, vamos subir para que você veja. Como é mesmo seu nome?" João! Ela conteve o riso e, sem abrir totalmente a porta do elevador facilitou ao homem encostar-se em seu corpo, arrebitado, para extinguir no outro qualquer dúvida sobre os motivos daquele convite.

QUANTO VALE UM JURAMENTO?

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Você já fez algum tipo de juramento?... Cumpriu depois?... Pois é... Jurar equivale a uma "promessa solene" que, espera-se, seja cumprida no futuro. Fazemos juramentos de vários tipos, desde juras de fidelidade e amor eterno nos casamentos até os clássicos das colações de grau para exercer uma profissão. Juramos até por Deus que ensinou não tomar seu santo nome em vão. Então, de que vale um juramento se ele é desrespeitado?

É incontestável a influência dos meios de comunicação na vida das pessoas. Até por isso, não tenho a menor dúvida em afirmar que a imprensa é o maior bastião de liberdade de uma sociedade. Uma imprensa livre, imparcial e competente, claro. Eis um trecho do precioso juramento que fazem: "Prometo, no exercício da profissão de jornalista, assumir meu compromisso com a verdade e com a informação". Será que cumprem? Lembro existir um Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Para que serve?

O artigo 5° da Constituição assegura que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. E segue com outras joias literárias: "é assegurado a todos o acesso à informação, à livre a manifestação de pensamento, à liberdade de consciência". Você acredita que é assim mesmo?

Diariamente vejo o noticiário. Salvo raríssimas exceções, uma decepção. Um jornalista pior que outro. Reportagens patéticas. Você deve conhecer alguns exemplos. Não cito nomes para evitar eventuais processos. Porque ficou perigoso opinar. Importa aqui ressaltar a incompetência e o desrespeito ao juramento que fazem. Na minha modesta opinião, falar em "direito de expressão, liberdade e democracia" e ser sectário ou apoiar ditadores é pura hipocrisia. O que se tornaram os jornalistas? Meros "empregados" de poderosos donos de emissoras ou de políticos? Onde fica o compromisso com a verdade?

Os jornalistas Dmitri Muratov (Rússia) e Maria Ressa (Filipinas) ganharam o Prêmio Nobel da Paz de 2021, pela corajosa contribuição à liberdade de expressão, condição imprescindível para a democracia. Seriam pontos fora da curva?

As faces do Papai Noel

JAIME GOTTARDELLO

O Papai Noel que conhecemos hoje é uma fusão de mitos, lendas e folclore de várias culturas diferentes. Essa fusão passa pelo bispo turco São Nicolau até os contos populares holandeses de Sinterklaas. Isso até a Coca-Cola tirar proveito da ideia e modificar o mito. Estas são as mais conhecidas faces do Papai Noel, como o vemos e como a indústria do entretenimento tomou posse do personagem. Mas existe outra enorme semelhança que ainda não é muito conhecida por aqui, apesar de ser uma tradição muito forte no norte da Europa: o deus nórdico Odin e o Papai Noel também são a mesma entidade?

Antes do cristianismo, os escandinavos celebravam um feriado de inverno de 12 dias chamado Jul, do qual obtemos a palavra moderna "Yule". Essas celebrações ocorriam durante o solstício de inverno, ou seja, na mesma época em que o Natal foi posteriormente datado. Muitas festividades de Yule - como pendurar coroas de ramos verdes, cantar canções de natal, decorar pinheiros com bolas e luzes coloridas, acender velas e pendurar ramos de visco nas portas - foram adotadas pelos cristãos muitos anos depois para tornar o Natal mais palatável para os pagãos recém-convertidos.

Graças aos relatos modernos dos contos Viking, muitas pessoas imaginam Odin como um deus da guerra magro, de rosto escarpado e carregando uma lança, que sacrificou um de seus olhos em troca de sabedoria e andou com um corvo empoleirado em seu ombro. Essa descrição é bem diferente da do bom velhinho alegre que desce pelas chaminés todos os anos, certo?

Talvez não. A imagem moderna do Papai Noel é baseada em desenhos do cartunista Thomas Nast em meados de 1800, que foram baseados nas descrições do poema de Clarence Clement Moore de 1823 "Uma Visita de São Nicolau", mais comumente conhecido como "'Twas The Night Before Christmas." Antes disso, Papai Noel era descrito como um velho alto e magro, com uma longa barba branca, vestindo um casaco de pele e um chapéu de aba larga, que coincidia com a descrição de um dos disfarces favoritos de Odin. (Como um deus, Odin naturalmente tinha a habilidade de mudar sua aparência e gostava de se misturar com humanos sem ser detectado.)

Graças a "'Twas The Night Before Christmas", sabemos que o Papai Noel voa pelo céu em um trenó mágico puxado por oito renas voadoras. Da mesma forma, Odin voa pelo céu em um cavalo de oito patas chamado Sleipnir. Até os nomes das renas do Papai Noel, dados por Moore, evocam Odin. "Donner" e "Blitzen" são semelhantes às palavras germânicas para "trovão" e "relâmpago", ambos comandados por Odin.

Odin e o Papai Noel são oniscientes, mas têm ajuda. Papai Noel tem sua legião de elfos que espionam crianças e tomam notas sobre seu comportamento, enquanto Odin tem dois corvos companheiros chamados Huginn e Muninn, que ele envia para inspecionar as pessoas e observar quais são especialmente boas ou más. Para as pessoas boas, Odin deixa pequenas bugigangas, pão e boa fortuna.

Papai Noel tem muitos nomes, e Odin também. Um deles era Jolfaor, ou "Pai Jul", que significa algo muito próximo ao Pai Natal, que é como o Papai Noel ainda é conhecido em muitos países.

Em suma, Papai Noel e Odin são ambos velhos com longas barbas brancas e vestem casacos peludos. Papai Noel voa pela noite com um trenó puxado por oito renas e Odin com um cavalo de oito patas. Ambos entregam presentes para os bons, sempre com o auxílio dos ajudantes que tudo veem e que fabricam os presentes. Sem esquecer que os ajudantes de um e do outro têm os mesmos nomes.

Eh, provavelmente é só uma coincidência.

Feliz Natal ou Bom Yule, e um 2022 repleto de saúde e realizações!

Traduzido e adaptado de HARRIS, Karen. Odin And Santa: The Norse God Delivered Gifts With An Eight -Legged, Flying Horse. Disponível em: https://historydaily.org/odin-and-santa. Acesso em 12/12/2021.

A reunião

MARCELO FERRARI

Um tempinho atrás houve uma reunião no universo. Júpiter era o deus soberano. Reuniram-se os planetas, as estrelas, os meteoros, as galáxias, a Lua, o Sol... , a turma toda. A pauta: as atribuições que cada um haveria de fazer.

Iniciada a discussão, Júpiter, sabiamente, foi direto ao tema e não deu margem às demais conversas sem conexão.

- Sol, você que é um jovem, cheio de energia e motivado a brilhar por aí todos os dias, irá circundar a terra de modo a iluminá-la.

- Apenas isso? Questionou o Sol.

- Sim! Afirmou júpiter.

Acontece que o Sol pertencia ao time dos que utilizavam as asas. Passava longe da turma alienada, comportada e passiva. Agia sem maquiagem. Acreditava em seu brilho e, colocando em ordem seu cérebro, desfrutava de seu tempo tal qual um aluno entende a recomendação: "é o seu momento, garoto".

- Nessa sua função, Sol, você vai transitar ao redor da terra pela rota já estabelecida. Não mude o percurso. Além disso, você deve manter uma velocidade constante, quer seja na subida, na descida ou no plano.

- Por quê? Protestou o Sol.

- Porque se você aproximar demais da terra vai queimá-la. E se distanciar muito, vai esfriá-la. Sua luz deve clarear a todos em igualdade, por isso, não circunde rápido e nem devagar.

- Vou dedicar e fazer valer a pena, afirmou Sol.

Júpiter pensou um pouco e concluiu: Conheço bem esse Sol! Sei o que ele vai fazer, pois eu também já fui um jovem destemido.

- Lua, disse júpiter, sua função será de vigiar o Sol. Mas fique sempre a distância. Onde ele for você o acompanha. Afinal, as regras não podem ser mudadas.

- Meu trabalho exigirá muita sabedoria, Júpiter. Vou precisar me instruir mais sobre esse Sol.

- Vai aprender um pouco a cada dia. Não tenha pressa! Falou uma das estrelas.

E assim se fez. O Sol começou seu trabalho. Na primeira oportunidade, como era de se esperar, seguiu o seu próprio destino. Arranjou uma grande carruagem com dois fortes cavalos de fogo, de modo a levá-lo onde desejava sua intuição, e foram conhecer os quatro polos. Errou; tropeçou; caiu; levantou; aprendeu e seguiu adiante. Como não era refém de ninguém, aumentou o som e foi ser feliz no mundo que lhes foi presenteado.

Num dado momento do percurso, quis aproximar um pouco mais da morada dos homens. Queimou algumas árvores e escureceu a pele de certo grupo de pessoas. Surgiam, portanto, o deserto e a raça negra. Além disso, como ficou quente demais num pedaço da terra, no outro se esfriou. Então, formaram-se montanhas e planícies de gelo nos extremos do planeta.

O grande rio, ao ver a aproximação do entusiástico Sol, não pensou duas vezes, se escondeu no interior da terra para não se secar e lá permaneceu. De vez em quando ele ressurge, apontando somente a cabeça em forma de nascente.

A Lua, com sua complexa, mas cativante missão, averiguava o Sol por onde ele andava. Nisso, ocorreu que ela ficou encantada pela energia positiva do Sol e resolveu olhar a terra mais de perto também. E, na parte onde reside o grande mar, ela deu um apertado e longo abraço na imensidão das águas, tal qual uma boa mãe abraça ao filho e, como resultado, belas ondas se formaram.

Pois bem, depois de dadas atribuições a todos, foi lida e assinada a ata pelos presentes e encerrada a reunião.

Quanto aos serviços dos demais membros, esses ainda precisam ser descobertos.

O canto da Poesia

Névoas

Minha casa de névoas
flutua no tempo...

A mãe faz croché
de pensamentos
e o pai lamentos
ao violão

porque meu irmão fugiu
com a trapezista do circo
e minhas irmãs se casaram
com príncipes rotos
e cínicos

nossa gata se perdeu
nos cios da noite
e eu com a moça
de segredos e fetiches

Então demoliram
a casa vazia
mesmo que nela
restassem panelas
cortinas tapetes
ilusões armários
e tocos de velas
num relicário...

mas a casa refúgio
de tantas partidas
e do espólio
da minha vida
ainda flutua
na minha memória

J. Carlos Grossi

Os bolinhos-de-chuva

que mamãe fazia
sempre à tardinha
quando então chovia

trazem-me lembranças
envoltas em canela

trazem-me a saudade
ao lembrar-me dela

quando enfim me afogo
no bule de café

Eraldo H. Monteiro

É PRIMAVERA

É Primavera no calendário lunar,
A estação vai se tornando mais quente.
Mas traz mudanças no clima, no ar
E tudo vai ficando de repente mais diferente...

E as pessoas passam o maior tempo traquejando,
Passeando ao ar livre, praticando esportes.
A própria natureza vai se modificando
E as plantas vão se tornando ainda mais fortes...

A Primavera tem tudo de atributos perfeitos:
Ela tem ritmo e contra ritmo, tem sonoridade,
Pode ter também por lá os seus defeitos
Mas tem sentimentalismo, tem subjetividade ...

Vemos a Primavera por todos os cantos,
No verdejar de uma árvore, num canteiro de flores.
Ela também pode ser vista em desencantos
De quem amava tanto e perdeu seus amores...

Uma Primavera florida encanta nossos olhos,
Encanta e extasia diante de tantas belezas.
Ela sempre se opõe aos desditos abrolhos,
Pois ela nos faz refletir sobre a Natureza...

Viver a Primavera é um viver diferente,
Das demais estações do nosso calendário.
Ela nos traz as melhores recordações no presente
E nos faz apegar como um verdadeiro relicário...

Quem vive a Primavera se torna ainda mais feliz,
Do que já é na realidade da vida.
A Primavera foi e será o que sempre quis
Para que a vida possa realmente ser vivida...

Sim, a Primavera traz sensações de renascimento,
Traz esperanças no que torna a sonhar colorido,
Num campo de margaridas, borboletas em surgimento,
Para que tenhamos na realidade um viver bem vivido...

Arlindo Bellini

(Composto ao ler a crônica de Jaime Gotardello, publicada no "Jornal Monte Sião", edição 590, agosto de 2021)

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Dezembro de 2021 Nº 594

ÚLTIMO TREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

JANEIRO DE 2022

Dia 01
Anselma Gaioto Benatti
Ricardo Fernandes Freire
Dia 02
Willian Augusto de Paiva
Dia 03
Iolanda da Fonseca Silvério
Raimundo Esteves da Silva
Vera Ap. Labegalini Denez,
Marumbi/PR
Dia 04
Renata Zucato
Valéria Elena Canela
Alice da Silva
Diego Felipe Souza Dias
Dia 05
Tatiani Campos Freire
Vinícius Monteiro Rizzato
Dia 06
João Gabriel G. Silva
Horácio Glória Canela
Débora M. Comparim Zucato
Maria José da Costa
Dia 07
Maria Dione Viviane
Fernanda F. Fazoli Gotardelo
Dia 08
Samantha Zamuner de Souza,
Neuza de Lima
Amábile Barbosa Ferraz
Flávio Anselmo Scachetti
Débora Valdissera dos Santos
Inês Shibuta
Dia 09
Flávia Coutinho
Israel Pereira Barbosa
Evandro Takahashi
Eurema Labegalini
Tiago Henrique Artuso
Dia 10
Celina Dorta Machado
Sofia Borges Galbiati
Eduardo Vicente Gaspardi
Érica Borges de Queirós
Dia 11
Welington Vieira Macedo Jr.
Pedro Henrique Z. Righetto
Dia 12
Antonio Roberto C. Genghini
Oralina B. do Nascimento
Dia 13
Luís Henrique Bossi B. Veloso
Waldemar de Castro Jr.,
Luciana Silvério da Fonseca
Luiza Lázari Bueno
Dia 14
Eduardo Kenji Izumi
Dia 15
Larissa Zucato Lopes
Vanessa Durante
Dia 16
Dr. Antonio Marcello da Silva,
Fundador e colaborador deste jornal
Dia 17
Flávio Leme
Marcelo Zucato
Hiroshi Takahashi
Dulcelene Pioli
Dia 19
Bruna Vilela Bueno
Fábio Labegalini Zucato,
Vilma Helena da Silva.
Paulo Roberto Labegalini,
Henrique Monteiro
Mário Sebastião Labegalini
Lúcio B. Labegalini
Nelson Labegalini
Dia 20
Rafisa Aparecida Ferreira de Godoi
Sebastião Romeu de Souza
Euclides Sebastião Denez,
Marumbi/PR
Wilson Rodrigues de Bacelar,
Barueri/SP
Dia 21
Nayara Barbosa
Pedro Antonio G. Silva
Miriam Nozomi Izumi
Larissa Ribeiro Labegalini
Inês Pires Fonseca
Dia 22
Mariana Zucato
Laís Magioli Rodrigues
Dia 23
Bianca Folgosa Macedo
Dênis Odinino
Ana Carolini Fabri
Dia 24
Robson Comune Faria
José Reinaldo Macedo
Daniela Righette
Walter Gotardelo
Isabel Silvério Barbosa
Dia 25
Murilo Jiharu Izumi
Dia 26
Celso Grossi
Talita Valdissera dos Santos
Cecília Comparim
Juliana Genghini
Dia 27
Plácido Bernardi Neto
Maria Antonieta D. Firmino
Cibeli Armelim
Otávio Monteiro Odinino
Dia 28
Antonio Carlos Ferraz
Célia Bernardi
Dia 29
Luciana Ap. Freire Canela
Dia 31
Maria Emília R. Zucato
Sandro Penachi Moreira.

A todos, as felicitações da Redação!

Boas-vindas aos novos colaboradores do MONTE SIÃO

De Campinas a jornalista Lícia Mangiavacchi vem contribuindo com suas crônicas situadas no ambiente interiorano de Campinas e imediações. Na primeira contribuição nos honrou com um relato emocionado do que foi o acompanhamento ao seu pai Adilson Mangiavacchi, autor do livro Família Mangiavacchi: Uma História, que já tivemos a honra de resenhar nesse jornal. A contribuição de dezembro é uma divertida confissão de suas aflições ao encostar o automóvel na bomba de gasolina para o abastecimento. Apaixonada, articulada e divertida, Lícia Mangiavacchi é muito bem-vinda!

De São Paulo, mas de Uberaba, porque Minas Gerais nunca sai da gente, estamos recebendo uma simpaticíssima crônica "O cãozinho abandonado..." do professor Valdo Resende. Cheia de artimanhas, tristemente engraçada e ardilosa, o professor Valdo, que é do teatro a vida inteira nos prende serenamente no desenrolar da estória e nos surpreende ao final. Além de teatrólogo e professor, Valdo é um contador de estórias, um contista e um cronista de mão cheia. Bem-vindo Valdo Resende!

Nós e os outros "três" leitores somos gratos pela chegada de vocês.

NÃO FOI PROFECIA

Bem que na edição 593 de novembro de 2021 nós alertamos de que já era passada a hora de cuidados para com a estrada MONTE-SIÃO <=> JACUTINGA. Duas cidades tão perto e tão longe. Agora é notícia de que a velha ponte de madeira, cansada de tanto ranger ameaça despejar na água quem por cima dela se aventurar. Até quando?

MOÇÃO Nº 103/2021

A Fundação Cultural Pascoal Andreta teve seus trabalhos e importância à cultura da cidade reconhecidos pela Moção Nº 103/2021, proposta pelo Vereador Sérgio Ricardo de Freitas (conhecido como Paquito) e aprovada por unanimidade na sessão de 13 de dezembro, pela Câmara Municipal de Monte Sião.

Na noite de 09 de dezembro a Fundação promoveu uma palestra para divulgar um dos seus projetos, apoio ao IYCK-2021 com matéria nesta edição do JMS; dentre o público presente estava o Vereador autor da proposta. No dia seguinte esse Vereador protocolizou na Secretaria da Câmara Municipal a proposta da Moção, com a seguinte introdução:

Votos de Congratulações à Fundação Cultural Pascoal Andreta, na pessoa do seu Presidente José Ayrton Labegalini e a toda a equipe de servidores e colaboradores que a compõe, pelos 39 anos de fundação e pelos relevantes serviços prestados para o município de Monte Sião.

MONTE SIÃO: Turismo Rural

A oferta de pousadas no município de Monte Sião justifica o crescimento do turismo na região. Tem pra todo gosto. Basta uma rápida pesquisa no Google para identificar as opções e encontrar referencias de preço e modo de entrar em contato. Visite Monte Sião! A Prefeitura também mantém um escritório exclusivo para cuidar das coisas do Turismo no município. E não se esqueça, em Monte Sião visite o nosso Museu Histórico e Geográfico, fica na rua Maurício Zucato, no centro da cidade.

ATENÇÃO COLABORADORES DESTE PERIÓDICO

O ÚLTIMO TREM soa o apito apelando para que os colaboradores tradicionais enviem seus textos até o dia 10 de cada mês.

BANDA LIRA MONTE SIÃO

No sábado, dia 11 de dezembro, a Banda Lira Monte Sião se apresentou na Alameda da Praça Prefeito Mário Zucato. Seus integrantes interpretaram uma variedade musical que passou pelo Chorinho, MPB, Forró e, para finalizar, abrilhantou seu público com músicas natalinas.

A FCPA e a ONG Expressão Livre, mantenedoras desse projeto, parabenizam os alunos

MARIANA – E. M. COMENDADOR BATISTA DE OLIVEIRA

Nós todos da E. M. Comendador Batista de Oliveira nos sentimos honrados pela conquista de nossa aluna Mariana dos Santos Cândido Alves, 3º ano, pelo primeiro lugar no Concurso Cultural promovido pelo Sicoob sobre o tema: Cooperativismo.

Agradecemos à equipe do Sicoob a oportunidade dada aos nossos alunos que puderam demonstrar suas capacidades e talento.

Todos tem forças para chegar onde quiser, basta acreditar e se empenhar.

Fragmentos 6

ARIOVALDO GUIRELI

1-A formiga, naquela tarde andava lentamente. Apreciava a relva, o rio, as matas e se encantava com o cheiro da terra, que também estava exultando de alegria pois chovera agorinha. Distraída não percebeu que uma bota marrom escura 40, cano alto, pisara pertinho dela e girava 90º . Assustada não sabia o que fazer. Correr? Lembrou do conselho de sua mãe:- Cuidado com caminhos limpos. Sempre alguém pode chegar! O descuido já acontecera. Precisava agir senão poderia ser esmagada. Pensando rapidamente, gritou: Grandão! Não olha onde pisa? E nada de resposta. Não teve alternativa. Ligeira, subiu pelo cano da bota e picou a perna do indivíduo. Em sacudidelas e tapas ouviu o mesmo dizer:- Vamos embora tem muitos insetos por aqui. Eu disse que não devíamos vir pro mato a gente está acostumado é com asfalto. Moral:- Em terra de chão rural, o urbano somente quer passar!

2- Será que somos cristãos de verdade? Se esta pergunta fosse verdadeira não responderíamos: Índio bom é índio morto ou Sem-terra sai, mas o boi fica! Entenda o que escreveu o escritor russo Dostojeviski: "Se os pensamentos dos homens tivessem cheiro, elevar-se-ia do mundo um fedor insuportável que empestaria a todos, causando-lhes a morte". Nosso caráter é resultado de nossa conduta. Existe uma palavra grega, kairós, que nos leva a reagir, pois o tempo é propício e favorável a mudanças.

3- Duas crianças, na praça, brincando. Passa um bêbado e para, olha-os e diz:- Seis são irmãos? O menino responde: - Não! O bêbado entre risos retrucou:- Mas pela lei de Deus seis são irmãos! E se foi tropeçando pelo caminho. Mais tarde, em casa, o menino escuta a mãe falar para a vizinha que lhe trouxe um pouco de salsinha: - Deus lhe pague! E mais tardinha o pai dizer: - Deus te abençoe! Ao deitar, para dormir, pensou em Deus e quis conhecê-lo.

4- Na pequena cidade mineira moravam três amigos inseparáveis. Vistos todos os dias às 18h em ponto, no mesmo banco do jardim da praça principal. Um deles sempre levava seu "rádio de pilhas" e respeitosamente ouviam a Hora do Ângelus através do programa "Na Beira da Tuia" – Rádio Bandeirante/SP – comandando pela dupla caipira, do bom cantar, Tonico e Tinoco. Depois continuavam a ouvir o programa com muitas músicas raízes. Entre eles uma sintonia perfeita. Terminado o programa falavam coisas amiúdes. Um dia um deles provocou:- E se a dupla morrer, nós vamos escutar o quê? O outro respondeu: - Nada! Foi o maior elogio que ouvi a artista brasileiro!

5- Prefiro os rudes dos esgotos do que os bonitos tapetes das mentiras. Prefiro a utopia coletiva que os engodos capitalistas. Prefiro a viola caipira que as pompas dos ternos. Prefiro a prosa alta e franca do que o falar baixo com olhares salivados de lucros.

6- Leia: "Eles eram muitos cavalos". De Luiz Ruffato. Editora: Companhia das Letras

7- Este fragmento foi fotografado pelo professor de todas as geografias, Cláudio Faraco.

8- Beijos gerais.

CASA DAS MASSAS de Lourdes Labegalini
Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados
Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG
ACEITAMOS ENCOMENDAS

ACM CONTABILIDADE
ADRIANO - CHARLES - MAURICE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

VISITE NOSSO MUSEU

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
● Teste do Pezinho ampliado
● Credenciamento com os Laboratórios:
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

ELETRÔNICA MONTE SIÃO
Everson Labegalini
Peças e Acessórios para Áudio e Vídeo
Rua: Carlos Pennacchi º 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG
Cel.: (035) 8404-5136